

**ESTUDO DA OBRA “DEUS NA NATUREZA” (1866) de CAMILLE
FLAMMARION**

7ª Edição, FEB, 2002

INTRODUÇÃO

Flammarion inicia a introdução desta obra com uma análise da situação humana em sua época. Na verdade, generaliza o ideal humano como uma busca, em que o ideal egoístico separou a sociedade em materialistas / niilistas e crentes cegos em uma fé.

"Uma crença torna-se-nos imprescindível. Os espíritos que se vangloriam de não a possuírem são os mais ameaçados de cair na superstição ou de anular-se na indiferença" (p.10)

"O homem tem, por natureza, uma necessidade tão imperiosa de firmar-se numa convicção —, particularmente quanto à existência de um coordenador do mundo e da destinação dos seres — que, quando não encontra uma fé satisfatória, experimenta a necessidade de se demonstrar a si mesmo que esse Deus não existe e busca, então, repousar o espírito no ateísmo e no niilismo" (p.10)

Então, a divisão fica mais explícita quando tomamos os exemplos práticos da época. Enquanto cientistas sérios buscavam Deus em experiências de laboratórios e métodos cartesianos objetivamente repetitivos (o que claro, conduzia à nulidade), os crentes de fé cega (destacando-se os católicos), preferiam negar totalmente a ciência, aceitando Deus como algo dado, precedente e situado fora de qualquer questionamento.

"Note-se que, em geral, a negativa é patrocinada pelos experimentalistas da ciência positiva, enquanto a afirmativa se ampara nos indivíduos estranhos ao movimento científico" (p.10).

Não deixamos então de visualizar dois extremos cegos em uma busca cujas ferramentas (experimental ou fé) eram utilizadas de forma errônea, conduzindo a resultados também extremos.

A fé cega possui outro defeito, ela é conformada. O Materialismo também. Todos se conformam; uns com as palavras de uma hierarquia maior, que tira as responsabilidades em nome de absolvição Divina, outros com conclusões pseudocientíficas que ao invés de investigarem hipóteses sérias, visam apenas comprovar uma hipótese dada, ou seja, uma conclusão pronta antes da investigação.

Quadro este que levou Flammarion a um questionamento mais duro:

"Acusa-se de indiferentismo a nossa época. A acusação é merecida. Onde estão, com efeito, os corações palpantes de puro amor à verdade? Em que alma — perguntamos — ainda reina a fé? Não diremos, já, a fé cristã, mas uma crença sincera, seja no que for" (p.12).

"Doloroso, sentir que, enquanto por um lado a inteligência mais demonstra a sua capacidade, extingue-se por outro lado o sentimento, e a vida íntima da alma mais se embota na geena da carne" (p.13).

"A causa da nossa decadência social (passageira, de vez que a História não pode mentir a si mesma) deve-se à nossa falta de fé" (p.13).

Então a 'fé' aqui, seria a catapulta de uma busca honesta, do âmago do ser, que utiliza o enorme progresso científico que o impulso da inteligência gerou na época para conciliar os problemas existenciais do ser humano com uma moral que conduza à elevação. No entanto, o quadro observado foi diverso.

Por vários e vários parágrafos, Flammarion demonstra como o positivismo-científico colocado da forma como foi, acabou por tornar vão qualquer esforço no sentido de conduzir estudos realmente valorosos para o progresso moral. Chegamos ao ponto de discutir a existência de Deus, em um impulso desenfreado em demonstrar-nos superiores.

A solução foi, então, levar o debate "metafísico" sobre a existência de Deus, para os métodos científicos aceitos na época. Essa é a proposta da obra.

"Ao nosso ver, o espiritualismo para triunfar deve medir-se com o adversário no mesmo terreno e com as mesmas armas deste. Ele não perderá nada do seu caráter, condescendendo em baixar à arena, e nada terá a recear nessa justa com a ciência experimental" (p. 14).

"Duas verdades não se podem opor a uma terceira. Se Deus existe, sua existência não poderia ser suspeitada nem combatida pela Ciência" (p.15).

"Pensamos que o único meio eficaz de combater o negativismo contemporâneo é voltar contra ele o materialismo científico e utilizar as suas próprias armas para derrotá-lo" (p. 16).

O fator que mais chama a atenção é a confiança de Flammarion, tanto na capacidade da Ciência, como ramo do conhecimento que é mais antigo e que superará qualquer obstáculo ideológico ou de viés, quanto na fé, em se imporem perante o personalismo dos cientistas da época.

"Não podemos, todavia, eximir-nos de confessar que, desde que lemos em Augusto Comte que a Ciência aposentara o Pai da Natureza e acabava de "re-conduzir Deus às suas fronteiras, agradecendo os seus serviços provisórios" — sentimo-nos algo ofendidos com a vaidade do deus-Comte, e nos deixamos empolgar pelo prazer de discutir o fundo científico de semelhante pretensão" (p. 19).

A frase acima exposta é o que incomodava mais. O verdadeiro espírito científico fazia descobertas e aumentava o arcabouço conhecido do mundo somente pela cientificidade em si. Quando Flammarion ironiza o deus-Comte, o que o incomoda de fato é a ausência da humildade que a ciência tanto necessitava.

O Espiritismo, ao contrário, nunca negou o progresso ou engessou-se no tempo. Faz questão de que os avanços científicos, conduzidos de boa fé, venham a comprovar o que a Doutrina dos Espíritos há tanto informava.

"Verificamos, então, que o ateísmo científico é um erro e que a ilusão religiosa é outro erro. (De passagem digamos, o Cristianismo nos parece ainda esotérico.) Nossos atuais conhecimentos da Natureza e da vida nos representaram a idéia de Deus sob um prisma cujo valor a teodiceia, como o ateísmo, não podem menosprezar" (p. 19).

Eis a idéia em resumo, retirar da inércia, cientistas cegos e crentes cegos. Pois ambos eram conduzidos por cegos orgulhosos.

#####

TOMO I

A FORÇA E A MATÉRIA

I – POSIÇÃO DO PROBLEMA

"O século que vivemos está desde já inscrito com caracteres indeléveis nas páginas da História. A partir dos mais remotos tempos, das velhas civilizações, nenhuma época viu, qual a nossa, esse magnífico despertar do espírito humano, para simultaneamente afirmar os seus direitos e a sua força. O mundo já não é o vale de lágrimas medieval, onde a alma vinha expiar a falta do primitivo pai e, confundindo-se no isolamento e na oração, acreditava conquistar um lugar no paraíso, ciliciando o corpo e cobrindo-se de cinzas" (p.21).

Com esta observação, o autor constata o triunfo da inteligência e da renovação sobre os séculos da idade média, que cobriram o mundo com o véu da ignorância.

"O próprio globo terrestre transformou-se. Circunavegaram-no, mediram-no, e já não haverá Carlos Magos que pretendam enfeixá-lo na mão, O compasso do geômetra destituiu o cetro imperial" (p.22).

E então a Ciência (ramo do conhecimento) se impôs perante a ignorância anterior, expandindo o potencial e o conhecimento humanos a esferas inatingíveis até então; o fez trabalhando elementos materiais e determinados, sem abstrações metafísicas ou que poderiam prejudicar a comprovação positiva.

"Essa exata determinação de objetivo dos seus estudos é que dá valor e autoridade à Ciência. Aí temos como e porque a Ciência se engrandece. Mas, esses títulos também lhe acarretam um imperioso dever. Se, deslemburada dessa condição de poderio ela se desvia desses objetivos fundamentais para divagar no vácuo imaginário, perde simultaneamente o seu caráter e a sua razão de ser" (p. 23-24).

Então um dos deveres da ciência é também comprovar / corresponder a verdade em suas descobertas e conclusões, mesmo que para isso, contradiga as hipóteses mais lógicas formuladas. Nenhuma hipótese pode se impor perante a verdade constatada (fato).

"Ora, esta é, precisamente, a situação dos defensores do Materialismo contemporâneo, aplicando a Astronomia, a Química, a Física, a Fisiologia, a problemas que elas não podem resolver. E note-se que tais sábios não só constroem essas ciências a responderem a problemas que lhes escapam à alçada, como ainda as torturam, quais pobres servas, para que confessem a seu mau grado, e falsamente, proposições de que jamais cogitaram. São, assim, inquisidores do fato, e não da palavra. Mas, dessarte, não é a Ciência, é um simulacro de ciência que manejam" (p.24).

À época de Flamarion (século XIX) a Ciência era representada por alguns grandes nomes, cuja autoridade tornara-se inquestionável devido às suas reais contribuições para ciência da época.

A "infalibilidade papal" foi substituída pela "infalibilidade científica" destes poucos homens.

E isso tornou o terreno perigoso para que o orgulho tomasse conta destes homens, que passaram a ignorar preceitos básicos da comprovação positiva em detrimento da verdade, promulgando doutrinas que lhe conviessem mais.

"A circunstância mais penosa e a razão predominante que nos impelem a protestar contra as explorações de um falso rótulo, radicam-se ao fato de estarmos vivendo um tempo em que se sente, ou pelo menos se pressente, universalmente, o papel e a finalidade da Ciência. Compreende-se que, fora dela, é que não há salvação, e que a Humanidade tanto tempo balouçada no oceano do ignorantismo, só tem um porto a proejar —o da terra firme do saber. Também por isso, o espírito público se volta, convicto e esperançoso, para a Ciência. Tantas provas de seu poder e riqueza tem ele recebido, de um século a esta parte, que se predispôs a acatar-lhe, com simpatia e reconhecimento, todos os ensinamentos e teorias. Mas, nisso está, precisamente uma armadilha para o Espiritualismo. É que um certo número de cultores da Ciência, que a representam ou que se fazem dela intérpretes, ensinam falsas e funestas doutrinas" (p.25).

Então a fé cega na ciência representava perigo tão grande ou maior, do que a fé cega na religião. Continuava tornando os homens reféns de poucos manipuladores de informação, mesmo que com a chancela de 'ciência'.

E o que fazer então com as questões que surgem no ser humano quando está sozinho consigo mesmo? Quando ele passa a tentar se conhecer melhor? O que fazer com as problemáticas da existência do espírito, Deus, Criação, vida após a morte?

Eram problemas ignorados pela época, onde os átomos afirmavam o ser humano como uma mera estrutura passageira e sem importância.

"Assim é que, já o dizia Pascal, um desses problemas— o da mortalidade da alma — é tão importante, que é preciso haver perdido toda a consciência para ficar indiferente ao conhecimento de si mesmo. O mesmo se poderá dizer quanto à existência de Deus. Quando meditamos essas verdades, ou apenas na possibilidade da sua existência, elas nos aparecem sob aspecto tão grandioso que a nós mesmos interrogamos como podem criaturas inteligentes, seres racionais, pensantes, entregar-se uma vida inteira a Interesses transitórios, sem se abstraírem uma que outra vez da sua apatia para atender a essas interrogativas preciosas" (p.26).

Mas o que é verdade para alguns, não o é para todos. Séculos de exploração religiosa e muitas décadas de progresso científico conseguiram esvaziar os propósitos de muitos, que abriram mão de sua busca pessoal por progresso e moralidade.

"Se é verdade, qual o temos observado, que há neste mundo homens absolutamente indiferentes, que jamais sentiram a magnitude desses problemas, menos não é que eles nos inspiram verdadeira piedade. Aqueles que, no entanto, mais agravam a bruteza da indiferença e, de caso pensado, desdenham alçar-se ao nível destes assuntos Importantes, preferindo-lhes os doces gozos da vida material, esses, — declaramo-lo alto e bom som — nós os deixamos sem pesar, entregues à sua inércia, para considerá-los fora da esfera intelectual" (p.27).

Não é o objetivo desta obra, ou do Espiritismo, recuperar o homem de sua indiferença, ele fará isso por si mesmo, cedo ou tarde. A intenção é oferecer um estudo, que ao menos ofereça uma alternativa ao livre-arbítrio de optar quando o momento da busca chegar.

Pouco mais adiante neste capítulo, discutindo sobre a existência de Deus, Flammarion esclarece que, ao contrário do que a maioria aceitava, o conhecimento científico e seu progresso poderiam atestar e ajudar a comprovar a presença de Deus e sua inteligência.

"A elevação para Deus, mediante o estudo científico da Natureza, nos mantém em situação equidistante dos dois extremos, isto é: — dos que negam e dos que se permitem definir, simploriamente, a causa suprema como se houveram sido admitidos ao seu concelho. Assim, comas mesmas armas, combatemos duas potências opostas: — o materialismo e a ilusão religiosa" (p. 27).

Avançando no capítulo, após enumerar e apontar alguns erros nas principais doutrinas da época entendemos que os erros são basicamente:

- Assumir a existência de Deus como algo externo e longínquo. Algo dado *a priori*;
- Negar a existência de Deus por não conseguir prová-lo 'positivamente' com os elementos conhecidos da ciência. Além disso, alguns quando pensam sua existência, deixam a soberba aparecer com a imagem de um Deus caprichoso e vil;
- Simplesmente ignorar a discussão, afinal, nenhuma força governa a matéria;

"A nós nos parece, pelo contrário, que a inteligência notória nas leis da Natureza demonstra, no mínimo, a inteligência da causa a que se devem essas leis, que são, elas mesmas, precisamente a expressão imutável dessa inteligência eterna" (p. 33).

A velha lei de causa e efeito aqui se faz presente, com o foi para Kardec¹ e como sempre acontece em raciocínios lógicos.

Flammarion inicia um duto ataque àqueles que se pronunciavam em nome da ciência com afirmações, ao invés de hipóteses ou sinceras dúvidas.

"Newton não se cansava de repetir: **parece-nos**, e Képler dizia: **submeto-vos estas hipóteses**... Aqueles outros, porém dizem: **afirmo, nego, isto é, aquilo não é**, a Ciência julgou, decidiu, condenou, posto que no que dizem não haja sombra de argumento científico" (p. 38).

"É que tais senhores [cientistas] têm a ousadia de imputar à Ciência a carga pesada das suas próprias heresias. Se a Ciência vos ouvisse, senhores (mas deve ouvir, porque sois seus filhos) — se a Ciência vos ouve, não pode deixar de sorrir das vossas ilusões.

A Ciência, dizeis, afirma, nega, ordena, proíbe... Pobre Ciência, em cujos lábios pondeis grandes frases, atribuindo-lhe ao coração um descomunal orgulho.

Não, meus senhores, e vós bem o sabeis (cá entre nós) que, nestes domínios, a Ciência nada afirma, nem nega, porque apenas procura" (p. 38).

O propósito nobre e básico da busca pelo conhecimento foi substituído pelo orgulho. A ciência era agora uma mera ferramenta de promoção pessoal, onde alguns que contribuíram para ela, agora a utilizavam como escada de vaidade. Julgavam sem júri, e sentenciavam sem códigos. Nada pode ser menos científico do que isso.

Portanto, a ciência orgulhosa inverteu algumas ordens, e como explica Flammarion:

"Com que direito afirmam que **a força está submetida à matéria**, que lhe obedece passivamente aos caprichos, escrava absoluta de elementos inertes, mortos, indiferentes, cegos? Maior e mais fundado é o nosso direito de inverter-lhes a proposição, derrubando-lhes o edifício pela base" (p. 43).

"O panorama geral do Universo vai oferecer-nos uma primeira demonstração de soberania da força e da ilusão dos materialistas. Da matéria, nos elevamos às forças que a dirigem; destas, às leis que as governam, e destas, ainda, ao seu misterioso autor" (p.44).

¹ Quando dizia que um fenômeno inteligente possuía, por lógica, uma causa inteligente.

A observação demonstra sempre que a matéria é escrava da força que a dirige e governa, a grosso modo, um chute impulsiona uma bola adiante. Se a força se submetesse à matéria, seria como se a bola fosse de encontro ao pé por vontade própria. Um absurdo.

Observando o universo, gigantesco, os átomos lá estão, mas qual a força motriz, organizadora, que os combinou desta forma?

"Ora, vamos estabelecer que, fora do nosso mundo, assim como nele, a matéria está em tudo e por toda a parte e não passa de coisa inerte, cega, morta, composta de elementos incapazes de se dirigirem por si mesmos; que não agem nem pensam por impulso próprio e que, nos sendais invisíveis do espaço, tanto como nos canais da seiva ou do sangue, o que aglutina em átomos, dirige as moléculas e conduz os mundos, é uma Força na qual transparece o plano, a vontade, a inteligência, a sabedoria e o poder do seu amor" (p. 46).

#####

II – O CÉU

"A contemplação da Natureza oferece ao homem culto, incontestavelmente, inefáveis, particulares encantos. Na organização dos seres descobre-se o incessante movimento dos átomos que os compõem, tanto quanto a permuta constante e operante entre todas as coisas. (...) Em tudo vemos, enfim, uma correlação de forças físicas, que abrange num mesmo sistema a totalidade da vida sob a comunhão das mesmas leis" (p.47).

O mesmo equilíbrio tratado no capítulo anterior, no que concerne ao Universo, existe na Natureza atingida pelos microscópios. Os átomos que compõem estrelas e planetas, compõem organismos terrenos e fazem parte da vida como conhecemos. Observar a Natureza em seu gigantismo, até nas menores formas de vida, demonstra uma coordenação incrivelmente capaz e perfeita.

"Se, abrindo os olhos diante desse espetáculo, eles persistirem em sua negativa, já não teremos como nos eximir de responder-lhes, em consciência, que também duvidaremos de suas faculdades mentais. Porque, para falar com franqueza, a inteligência do Criador nos parece infinitamente mais curta e incontestável que a dos ateus franceses e estrangeiros" (p. 48).

A ironia que Flammarion utiliza, é a de quem combate os negadores que dizem não no automatismo. Existe um Criador? Não. Por que? Porque NÃO. E então o debate é encerrado devido à ausência de argumentos.

"Esqueçamos por momentos o átomo terrestre, no qual o destino nos fixou por alguns dias. Que o nosso Espírito se lance ao espaço e veja rolar diante de si o mecanismo gigantesco — mundos e mundos, sistemas após sistemas, na infinita sucessão de universos estrelados (...) Observamos que a Lei suprema, universal, dirige estes mundos. Em torno do nosso sol, centro, foco luminoso, elétrico, calorífico do sistema planetário, giram os planetas obedientes" (p. 48-49).

Flammarion então expõe as Leis de Kepler, e a síntese formulada por Newton em sua obra "Princípios"

"Neste livro, ensina-nos ele [Newton] — como bem adverte Herschel — que todos os movimentos celestes são consequências da lei, isto é: — que duas moléculas materiais se atraem na razão direta do volume de suas massas e na inversa do quadrado das distâncias" (p.49).

E é pela derivação destes princípios que se chegou a entender as órbitas, movimentos, equilíbrios das gravidades, etc. Enfim, que possibilitou uma leve compreensão do equilíbrio do Universo.

"Pois é a execução dessas leis que está confiada a harmonia do sistema planetário; é a elas que os mundos devem os seus anos, as suas estações, os seus dias; é nelas que haurem a luz e o calor distribuídos em diversos graus pela fonte cintilante; é delas que derivam a eclosão da vida, a forma e ornamento dos corpos celestes. Sob a ação incoercível dessas forças colossais, os mundos se transportam no espaço com a rapidez do relâmpago e percorrem centenas de mil léguas por dia, sem parar, seguindo estritamente a rota certa e previamente traçada por essas mesmas forças" (p. 50).

A percepção quando olhamos para o céu, é a de que estamos no centro de tudo. As percepções se enganam, e se ajoelham perante a ciência, que através de observação, cálculos, hipóteses e estudos chegaram a alguns fatos importantes para ultrapassar a visão limitada e simplista de nossos olhos.

"Admiramo-nos desses comboios ferroviários que devoram distâncias como dragões flamantes e, no entanto, os globos celestes, mais volumosos que a nossa Terra, deslocam-se com uma rapidez que ultrapassa a das locomotivas, quanto a estas ultrapassa a das tartarugas (...) Todos estes mundos, todas estas moradas do espaço, departamentos da vida, nos apareceriam quais naves bussoladas, conduzindo através do oceano, celeste tripulantes que não têm a temer escolhos nem imperícias de comando, nem falta de combustível, nem fome, nem tempestades" (p. 51).

A magnitude dos movimentos de expansão, choque, destruição, aglutinação no espaço fogem a nossa compreensão. Nossa escala é infinitesimalmente pequena, tão pequena, que poeira seria grande para ilustrar. Mas nós nem nos damos conta de que estamos em movimento,

muito menos que a Terra caminha pelo Universo à enorme velocidade, girando 360º a cada 24 horas. A sutileza do planejamento Divino é impressionante.

"Diante desses movimentos indescritíveis — inconcebíveis mesmo, poderíamos dizer — que transportam pelos desertos do Infinito essa infinidade de sóis; diante dessa catadupa de estrelas do Infinito; diante dessas rotas, dessas órbitas imensuráveis, seguidas com a passividade dos ponteiros de um relógio, da maçã que cai, ou da roda do moinho obedientes à lei da gravidade; diante da submissão dos corpos celestes a regras que a mecânica e as fórmulas analíticas podem traçar de antemão, bem como da condição suprema de estabilidade e duração do mundo, quem ousará negar que a Força não governe, não dirija soberanamente a Matéria, em virtude de uma lei inerente ou afeta à própria Força? Quem pretenderá subordinar a Força à cegueira constitucional da Matéria e afirmar, à maneira retrógrada dos peripatéticos, que ela não passa de atributo oculto, reduzindo-a ao papel de escrava, quando ela se impõe de tal arte e reivindica credenciais de absoluta suserania? Que Deus tal nunca permita. Que sucederia se ela, a Força, deixasse de agir e abdicasse o seu cetro? A só imaginação desta hipótese dissolve a harmonia do mundo, e o faz esboroar-se num caos informe, digno resultado, aliás, de tão insensata tentativa" (p.52-53).

Há hipóteses materialistas positivas sobre a matéria subordinar a força aos seus caprichos. No entanto, carecem de explicação sobre *como* e *por que*. Alguns dizem que a matéria pode, subitamente, adquirir e coordenar a força. Mas isso é apenas subterfúgio. É de conhecimento geral que a força, externa a matéria, a governa e controla. Se pensarmos numa bola de futebol, ela ficará estática até que um chute seja aplicado, sendo a bola (matéria) impulsionada pelo chute (força).

"Quando vemos esses corpos imensos, encasalados, descreverem órbitas enormes, cujo percurso lhes demanda séculos, somos levados a admitir simultaneamente que eles preenchem, na Criação, uma finalidade que nos escapa e que atingimos os limites da humana inteligência para confessar a nossa inópia e reconhecer que a mais fecunda imaginação não pode ter do mundo uma concepção aproximativa sequer, da grandeza do assunto" (p.53).

"Os astrônomos que humildemente remontam ao princípio ignoto das causas não podem eximir-se de considerar nas mãos de um ser inteligente essa atração universal, que rege inteligentemente o Cosmos" (p.53).

Recusar a presença de Deus por puro orgulho é o oposto de inteligência. O que surpreende, vindo de autoridades científicas materialistas. A derivação empírica traz a solução ao problema, e os próximos capítulos deixarão em evidência a veracidade dessas constatações.

"Tudo pois, no Universo, marcha por efeito de uma organização admirável de simplicidade, visto que os movimentos, aparentemente mais complicados, resultam da combinação de impulsos primitivos uma força única agindo sobre cada molécula material; força única, com a que conseqüentemente, haja de ocupar-se, por assim dizer, o Criador. Mas, também, que desenvolvimento de poder não requer a produção incessante dessas forças, cuja existência não é essencialmente inerente à matéria! como deve ser vigilante a mão eterna que sabe, a cada momento, renovar forças, até nos mais impalpáveis átomos dos inumeráveis astros destinado povoar as regiões de infinita imensidade. Não será o caso de dizer com o profeta, inclinando-Se perante tanta grandeza: Coeli enarrant gloriam Dei?" (p. 55).

"Coeli enarrant gloriam Dei" → Os céus narram a glória de Deus. Locução do Salmo XIX, 1, em que o salmista descreve a grandeza de Deus pela magnificência de suas obras.

A complexidade desta observação é gritante. É como se Deus, tivesse dado o impulso inicial, como um toque na matéria, que seguiu o fluxo pelas leis da física e desencadeou o equilíbrio que visualizamos em toda parte. No entanto, Deus, pela sua onipotência, consegue vislumbrar todo o percurso da matéria e dos fluídos com muita antecedência, o que significa que ao invés de intervir a todo instante, a perfeição de Deus dita que ele já sabe o que vai acontecer e não precisa se ocupar a todo instante destes percursos. Afinal de contas, todas as leis a que tudo se submete, são criações D'ele.

"Tal o sublime espetáculo do mundo, tais as leis constitutivas da sua harmonia. Ora, qual a perfídia de linguagem, ou de raciocínio, que os materialistas utilizam para traduzir pró domo sua esses fatos e concluírem pela ausência de todo e qualquer pensamento divino?" (p.55).

"PRO DOMO SUA" → Em causa Própria.

Flammarion expõe a retórica materialista retirada de algumas obras. A citação abaixo foi retirada da obra Força e Matéria, de autoria de Buchner.

"É fácil [diz Büchner] conciliar o nascimento, a constelação [?] e o movimento dos orbes com os processos mais simples que a matéria de si mesma nos possibilita. A hipótese de uma força pessoal criadora é inadmissível. Porquê? Ninguém, jamais, pôde sabê-lo. Os espiritualistas admiram o movimento dos astros, a ordem e harmonia que a eles preside. Ingênuos! No Universo não há ordem nem harmonia e sim, pelo contrário, a irregularidade, os acidentes, a desordem, que excluem a hipótese de uma ação pessoal regida pelas leis da inteligência, mesmo humana." (p.56).

É perceptível a arrogância de alguém que escreve "a irregularidade, os acidentes, a desordem, que excluem a hipótese de uma ação pessoal regida pelas leis da inteligência, mesmo humana". Observar o universo com olhos humanos, enxergar acidentes, desordens e 'problemas', torna incapaz uma argumentação razoável. Chega até a ofender a inteligência de

quem lê. E nem tocarei no assunto do conceito de belo, tão mutável com os tempos e com as formas que a humanidade já mudou de idéia umas centenas de vezes, sobre o que é belo.

"Se houvesse um Deus — ajuntam —, para que serviriam as irregularidades e desproporções enormes de volume e distância entre os planetas e o nosso sistema solar? Porque essa completa ausência de ordem, de simetria, de beleza? Havemos de convir que é preciso ser um tanto pretensioso para admirar cenografias de bastidores teatrais e recusar ao mesmo tempo a beleza e a simetria às obras da Natureza" (p.57).

E mais uma vez não encontramos nada de científico nestes questionamentos ou hipóteses. A negação de Deus não prova sua inexistência. A negação de uma inteligência superior devido à percepção de 'feiura' no universo, é insignificante para qualquer discussão. Poderíamos entender que só o belo existe, enquanto o feio é um erro. Além disso, distância e tempo são relativos apenas ao planeta Terra. O que é distante para alguém que se locomove a cavalo, não o é para quem vai de avião. E seria apenas uma discussão interminável sobre percepções, mas sem foco científico. Negação é diferente de Ciência.

Flammarion ainda coloca o pensamento simplista de alguns materialistas, e responde com ironia:

"De resto, esses senhores não nos oferecem senão negações. Negação de Deus, da alma, do raciocínio e seus poderes, sempre, e em tudo, negação. Isso é o que propriamente lhes concerne, e nada mais. Sua pretensa consciência científica é simples burla. Nossos espirituosos adversários não raro resvalam no plano raso das puerilidades. Um dentre eles adverte que a luz caminha com a velocidade de 75.000 léguas por segundo, achando que é pouco e que é ridículo para um Criador o não poder acelerá-la. Outro, acha que a Lua também não gira bastantemente célere. "A Lua — diz o americano Hudson Tuttle — não gira senão uma vez sobre si mesma, enquanto completa a sua revolução em torno da Terra, de sorte que lhe apresenta sempre a mesma face. Assiste-nos legítimo direito de perguntar porque, pois se houvesse nisso um Intuito qualquer, a sua execução deveria ser assinalada." Na verdade, o Criador foi assaz negligente deixando de admitir esses senhores na intimidade da sua técnica. Já se viu uma coisa assim? Deixá-los em completa ignorância dos fins que se propôs ao fazer rodar tão lerdamente a nossa amável Luazinha!" (p.58).

Portanto, a negação de uma inteligência suprema, para os materialistas, é o suficiente para enterrar a discussão sobre a existência de Deus. Tampouco enxergavam um átomo, mas caso eu o negasse, ele deixaria de existir?

"Que pena não terdes vós mesmos construído o Universo! Sim, porque então teríeis prevenido todos estes Inconvenientes..." (p. 58).

Então a ironia é o que contrapõe a negação neste caso. Como alguém, cientista, poderia supor que a matéria se sobrepõe à força? Eles contrariam as leis da física para negar Deus. Mas ao

mesmo tempo, não conseguem explicar de onde a matéria retira esta força. Logo, formulam uma hipótese tão metafísica, quanto a existência de Deus. Criam uma metafísica, para negar o que criticam como metafísico.

"Ora, sobre um dos mais microscópicos planos desses microscópicos mundículos, há uma raça de racionalistas e, no seio da raça, um núcleo de filósofos que acabam de declarar positivamente, é magnificências! — que o vosso Deus não existe" (p.61).

"Procedei de maneira a distinguir o nosso imperceptível sol, o nosso átomo terrestre, a nossa vermínea racionalidade e, aderindo a esta declaração capital, paralisai o mecanismo do Universo e com ele a dimensão e harmonia; substitui o movimento pelo repouso, a luz pela treva, a vida pela morte e, depois, quando toda a capacidade intelectual for aniquilada, todo o idealismo banido da Natureza, suprimida toda a lei, atrofiada toda a força, o Universo se pulverizará, vós vos dispersereis em pó no bojo da noite Infinita, e se o átomo terrestre ainda subsistir, os senhores filósofos, últimos viventes, estarão satisfeitos. Não mais se poderá dizer que haja inteligência na Natureza" (p.62).

O orgulho seria capaz de pulverizar o Universo para apenas ditar sua verdade, se assim pudesse fazê-lo. Sorte nossa de que não pode.

#####

III – A TERRA

"A força rege idênticamente os movimentos atômicos e as órbitas imensas das esferas siderais" (p.63)

Independentemente da dimensão, espacial (gigantesca) ou atômica (minúscula), a força sempre será regente da matéria. Isso é fato empírico, e qualquer hipótese contrária ainda não encontrou fundamentação científica.

Força pode ser entendida, por exemplo, como a Atração Universal (que garante a gravitação aos planetas) e que, conseqüentemente, controla a matéria universal. Ela também é a força que contribui para formação de moléculas, através da união de átomos.

As partes químicas dos compostos não podem ser mutáveis com uma substância determinada. O H²O (água), só o será enquanto assim permanecem suas moléculas. Qualquer alteração, por mínima que seja, irá alterar a substância resultante.

"Regras são essas, absolutas, às quais a matéria é forçada a obedecer. A Natureza tem horror ao acaso, tanto quanto ao vácuo, como se dizia outrora" (p. 64)

"Além disso, as medidas expressivas do infinitamente grande, ou pequeno, estão em nós e não na Natureza, de vez que tudo referimos a nós, como a um ponto de comparação. As noções de grandeza são puramente relativas" (p. 65)

Mesmo no menor e mais denso objeto, os átomos mantêm uma distância relativa entre si, assim como os corpos no universo. O que muda é a escala de observação.

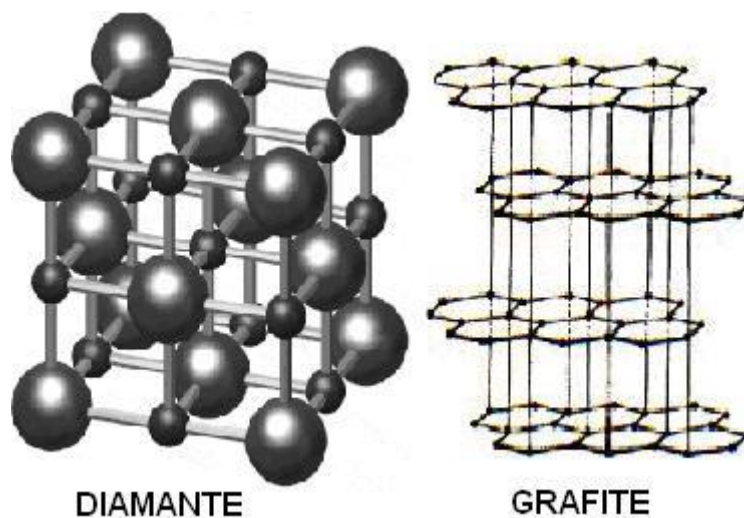
"Mas, seja como for, a substância dos corpos é um pequeno mundo, um mundo analítico, no seio do qual o infinitamente pequeno é regulado por leis tão rigorosas quanto as do infinitamente grande, o sideral" (p. 66)

"Toda matéria, orgânica ou inorgânica (visto ser idêntica) obedece primacialmente a essa força [atração]. Suas mínimas partículas são com astros no espaço, atraem-se e repelem-se por seus respectivos movimentos" (p. 67).

Os átomos trocam incessantemente de composto, ser, lugar, e, no entanto, suas propriedades constitutivas são sempre as mesmas.

"Nunca geometra algum construiu figura tão perfeita qual a que naturalmente reveste a mais insignificante molécula" (p. 67).

E é indiscutível que a complexidade geométrica e a precisão de cada molécula é muito superior à capacidade de projeção humana. A concepção tão complexa, partindo de ponto algum, seria impossível à nossa condição ainda em desenvolvimento. Vejam a diferença entre o diamante e o grafite.



Ambos são compostos de carbono, mas no diamante essas ligações entre os átomos são muito fortes, enquanto no grafite, muito frágeis. Ou seja, o mesmo elemento (carbono) constitui o frágil grafite e o extremamente resistente diamante.

"Nada podemos mudar na composição dos corpos. Nada nasce, nada morre. Só a forma é perecível. Só a substância é imortal. Constituímo-nos da poeira dos antepassados, os mesmíssimos átomos e moléculas" (p. 68).

O acaso, vocábulo muito utilizado pelos materialistas para fugir do que não podem conhecer ou explicar, não existe na Natureza. Tudo é perfeição, observável em escala e magnitude. O "Acaso" é uma criação humana para lidar com o que não compreende.

"Se a organização militar da França se atribui a um concelho inteligente, parece-nos que a organização química dos seres, aliás muito superior àquela, atesta um plano inteligente e um pensamento diretor" (p. 68).

"Inegável, portanto, que, na Natureza inorgânica, a matéria é escrava e a força é soberana" (p. 72).

Qualquer conclusão diferente desta, tornaria o Universo, em seus pequenos núcleos, dissociados e inertes, pois a matéria não teria sua autonomia de "decidir" o que fazer, para onde se mover e qual caminho seguir. A força que a move representa sim uma inteligência superior, que desvenda e opera essa imensidão gigantesca desde um mundo infinitesimal.

"Todas as coisas criadas dão testemunho do poder e sabedoria divinos, ao mesmo tempo que se fazem tesouro e pábulo de nossa felicidade. A utilidade que elas têm, testificam a bondade de quem as fêz; a sua beleza demonstra sabedoria, enquanto que por sua harmonia, conservação, proporcionalidade e inesgotável fecundidade, proclamam a grandeza do poder divino!" (p. 77).

"O espírito que se degrada à função de produto químico não é suscetível de emoções que tais" (p. 77).

Imagina que toda vida é apenas um aglomerado de substâncias e átomos, não deixa de ser um quadro pessimista e triste. É uma situação que vai de encontro à tudo o que se observa, verifica na prática e se deduz dos ambientes observáveis. Muitos imaginam que as pesquisas científicas destruirão o conceito de Deus. Verificaremos mais adiante que a ciência confirma Deus. A Natureza é um imenso laboratório a céu aberto que nos chama a comprovar o Criador.

"Diante da organização regular dos seres terrestres, não nos cabe mais que repetir a resposta, já de um século, dada ao Sistema da Natureza. A matéria é passiva e incapaz de coordenar-se por si mesma num todo regular. Contudo, ela é dotada de umas tantas propriedades que a fazem suscetível de obediência às leis" (p. 80).

“Assim, para resumir o estado da questão e os princípios de nossa refutação do ponto de vista do mundo inorgânico, temos estabelecido que, no céu como na Terra, a força rege a matéria, que a harmonia é constituída pelo Número, e que este leva consigo, por toda a parte, o cunho intelectual. Em parte alguma, porém, a inteligência criadora aparece tão evidente como na organização da vida e na existência do homem” (p.82-83).

O Sistema de Natureza não passa de um princípio, que organiza e distribui a matéria de forma perfeita, mantendo suas propriedades e sujeições à força e leis da Física.

#####

TOMO II

A VIDA

I – CIRCULAÇÃO DA MATÉRIA

“Enquanto o olhar penetrante do telescópio vara os espaços infinitos, a visão analítica do microscópio visita os habitáculos minudentes da vida na superfície da Terra” (p. 85).

A complexidade na organização dos dois mundos (macro e micro) denuncia uma inteligência sobre-humana para formar e coordenar tamanho engenho.

As forças da física e da química operam a todo instante e em toda parte, em frequências até longínquas aos nossos sentidos fisiológicos.

Hoje, 2013, o homem engatinha na utilização de nano partículas, enquanto progride na divisão do átomo; não para de descobrir planetas e estrelas tão gigantescos que eram inimagináveis anteriormente.

“E contudo, a verdadeira realidade é que a vida de todos os seres terrícolas — homens, animais, plantas - é uma e única, sujeita a um mesmo sistema, tendo por ambiente o ar e por base o solo. E essa vida universal outra coisa não é, senão uma permuta constante de matéria. Todos os seres se formam das mesmas moléculas, a passam sucessiva e indiferentemente de uns a outros, de sorte que nenhum ser dispõe de um corpo propriamente seu. Pela respiração e pela alimentação, nós absorvemos, cada dia, uma certa porção de alimentos. Pela digestão, pelas secreções e excreções, perdemos outra determinada porção de alimentos. Assim, renova-se o corpo e, depois de algum tempo, já não possuímos um só grama do corpo material de antes. Sua renovação foi total, completa. Mediante essa permuta é que se entretém a vida” (p. 88).

“Fisicamente falando, nós nada possuímos de nós mesmos. Só o ser pensante é o nosso eu. Só ele é que nos constitui verdadeira, imutavelmente” (p. 89).

Toda esta permuta nos torna parte da Natureza, e segrega bem o que é material, orgânico, e a individualidade espiritual, o “eu” que atravessa todas as mudanças e trocas atômicas, mantendo sua consistência.

A partir deste ponto, Flammarion discorre sobre a química na Natureza e os processos biológicos de equilíbrio (homens e animais se nutrindo através da respiração, liberando CO² que as plantas processarão através da fotossíntese, liberando O² novamente). É um equilíbrio perfeito que influi por todo o globo terrestre.

“Tal, sumariamente, o papel do ar na Natureza. Assim são os vegetais, habilíssimos físico-químicos, a nos prepararem ao mesmo tempo a alimentação, a respiração, a indumentária, o combustível e os elementos materiais da nossa existência terrestre. Importa, de conseguinte, deixarmos de considerar a Natureza sob um prisma vulgar, para fazê-lo, doravante, com olhos atentos e apercebidos. Quando fixarmos a ervilha tenra que reponta nos jardins, não admiraremos apenas o risonho tapete de verdura e a gracilidade das flores que o esmaltam. Elevaremos mais alto o pensamento, imaginaremos que cada um desses rebentos, que vamos pisando, é um benfeitor silencioso, pois, se de um lado contribuímos para embelezá-lo fornecendo-lhe ácido carbônico, sem o qual se estiolaria, por outro lado ele nos dá benevolmente todo o necessário à nossa vida material: imaginaremos que essa harmonia é de uma perfeição sublime, visto que, se umas regiões mergulham, longos meses, nos rigores do Inverno, os ventos não deixam de estabelecer entre esses países deserdados e o nosso uma permuta constante, que reconduz aos nossos bosques e prados o ácido carbônico expirado pelo Lapônia e o Esquimó, levando-lhes o oxigênio exalado dos milhões de bocas dos nossos vegetais” (p. 95).

Após esta análise sobre o reino vegetal, o autor decide por percorrer o reino animal, evidenciando o homem, e o movimento da força que renova os átomos em tudo. O espírito Lúmen, também esclareceu este movimento na obra “*Narrações do Infinito*”². Vale lembrar que os átomos compõem tudo o que existe, sua renovação é incessante e pode-se depreender disso, que toda matéria é mutável, substituível e que há uma lei coordenando essa força em todos os organismos da Terra.

² Obra psicografada pelo próprio Flammarion:

*“O corpo material é uma associação de moléculas, formadas elas próprias de agrupamentos de átomos. Os átomos são inertes, passivos, governados pela força, e entram no organismo pela respiração e pelos alimentos, renovam incessantemente os tecidos, são substituídos por outros, e, eliminados, vão pertencer a outros corpos. Em alguns meses, o corpo humano é totalmente renovado, e nem no sangue, nem na carne, nem no cérebro, nem nos ossos resta mais um único dos átomos que constituíam o todo alguns meses antes” (Flammarion, C – *Narrações do Infinito*, Capítulo I).*

“Liebig deduziu dessa rapidez de permutas uma outra consideração. Pode-se, sem maior dúvida, atribuir a um homem idoso 24 libras de sangue. O oxigênio por nós absorvido em 4 ou 5 dias basta para transformar pela combustão todo o carbono e hidrogênio dessas 24 libras de sangue em ácido carbônico e água. Mas, o sangue corresponde mais ou menos a um quinze avos do peso do corpo: se, pois, 5 dias bastam para substituir o sangue, com a troca dos elementos, pode inferir-se que o corpo inteiro se renova em 25 dias” (p. 100).

“Os materiôlatras deduzem dos fatos aqui exarados a sua famosa assertiva, declarando provada a inexistência da alma, mediante essas transformações químicas. Para nós, ao invés (note-se o contraste), essas mesmas transformações induzem a declarar demonstrada, doravante, a existência da alma. Antes, porém, de argumentar, apraz-nos contrapor um simples reparo a tão categórica afirmativa adversa, que proclama com tamanha segurança e com verdade incontestada a só existência das moléculas materiais, e que só elas constituem o ser vivente, do berço ao túmulo” (p. 103).

De certa forma, a renovação completa dos corpos, periodicamente, e sua posterior falência, foi um dos argumentos utilizados por materialistas para afirmar a inexistência da alma. No entanto, se o corpo se renova sempre, o que significa o envelhecimento? Não deveríamos ser eternos? Uma vez que o átomo está em toda parte, e não muda sua composição com o tempo, por que não vivemos para sempre? Afinal, somos só um aglomerado de matéria...

"Pretendeis, bem sei, que não há força alguma interior a presidir a essa renovação molecular, mas tenho essa vossa pretensão como vanidade insustentável. A hipótese puramente materialista, da vida, a assimilação circulatória das moléculas ao movimento do vapor no alambique ou da eletricidade nos tubos de Geissier, não explica o crescimento nem a vida, nem a decadência, a senectude, a morte.

Para que haja equilíbrio, para que haja organização no agenciamento das moléculas, é preciso que haja direção. De resto, tanto como Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, não ilegais essa direção. Mas, como conceber direção sem força motriz? Ousareis negá-lo? Essa força diretriz não é um amálgama de propriedades confusas, antes é soberana, necessária, pois é quem rege o turbilhão vital, assim como a atração rege o turbilhão de esferas planetárias" (p.105).

Essa força diretriz, capaz de reger todos os níveis de renovação atômica, ou de ao menos ter criado suas leis, não pode ser outra além de Deus. Não há outra explicação, atualmente, que invalide esta hipótese.

"Se a um exército se impõe, imprescindível, o governo de um chefe e que uma severa disciplina o abranja na unidade de milhares de soldados, com maior soma de razão importa que uma força governe a matéria, reduzindo

à unidade harmônica os milhões de moléculas que sucessivamente a conformam" (p.107).

Como a matéria não possui força e vontade próprias, alguém consegue explicar como ela “sabe” onde e como se alojar no grande arranjo orgânico? Refletindo na unilateralidade das leis da física (elas estão ali para sujeitar todos os seres a elas), entendemos que os átomos seguem suas leis, mas que se adaptam a diferentes organismos em diferentes situações. É uma lei cheia de variáveis, cuja coordenação parece essencial.

"Qual o homem culto, o observador de boa-fé, que ousará negar seja o nosso organismo engendrado por uma força especial? Qual a diferença de um cadáver para um corpo vivo? Há duas horas que o coração de tal homem deixou de bater; ei-lo estendido no leito funerário, a vida escapou-se lhe independente de qualquer lesão, sem que houvesse distúrbio orgânico. Seu estado desafia autópsia minuciosa. Quimicamente falando, não há diferença alguma entre este e o corpo que vivia esta manhã. Em que diferem, repito, o corpo vivo e o cadavérico? Pela vossa teoria, eles não diferem, têm o mesmo peso, tamanho, forma. São os mesmos átomos, as mesmas moléculas, as mesmas propriedades físico-químicas. Chegais mesmo a ensinar que essas propriedades estão inviolavelmente ligadas aos átomos. Aí temos, portanto, o mesmo ser!" (p.108).

Uma análise simplesmente material entre um cadáver de alguém recém-morto, e um ser humano deitado, revela absolutamente nenhuma diferença. Os órgãos e tudo o que é material, ali se encontra. O que significa então a vida?

"Preciso se faz que seja a força constitutiva da vida uma força muito especial, visto que, frente a ela, as moléculas corporais se distribuem harmônicas, numa unidade fecunda; ao passo que em sua ausência, essas mesmas moléculas se separam, se desconhecem, se combatem e deixam logo cair em total dissolução esse organismo que se faz pó.

Preciso, também, se faz que essa mesma força exista de uma forma particularíssima, pois que, de um lado, não sendo vivos todos os corpos da Natureza, e, do outro lado, sendo os corpos vivos compostos com o mesmo material dos inorgânicos, diferem, contudo, dos primeiros, pelas especiais e admiráveis propriedades da vida.

Preciso, ainda, seja a vida uma força soberana, visto não passar o corpo de um turbilhão de elementos transitórios, em mutação constante de todas as suas partes, persistindo ela, enquanto que a matéria passa" (p. 109).

Podemos depreender disso tudo, que a ‘força vital’ movimenta as operações orgânicas e as permutas atômicas necessárias. A ausência desta força é que interrompe o processo e deixa o organismo, grande máquina, parar. Dá-se então a morte.

Então Flammarion analisa algumas hipóteses positivo-materialistas, sem encontrar nelas alguma novidade a este respeito, concluindo:

“De resto, digam e pensem como entenderem, a vida não deixará de ser uma força, superior às afinidades elementares da matéria” (p. 110).

Então o autor passa a explorar uma das dinâmicas da força. Duas delas que agem no ser humano e nos animais, a de destruição e de recuperação.

“Com Quatrefages verificamos “duas correntes contrárias a circularem nas profundezas do ser: uma extraindo incessante, molécula por molécula, alguma coisa do organismo, e outra reparando, relativamente, todas as brechas que, por mais extensas, acarretariam a morte”. A força orgânica, que constitui o nosso ser, oculta-se sob a vestimenta variável da carne, mas nós sentimo-la palpitante em seu ardente vigor. Ela nos conforma, dirige, governa” (p. 111).

Então traçando alguns exemplos que a Natureza oferece, em seu dia-a-dia, Flammarion conclui que:

“Diante de fatos que tais é claro, incontroverso, que uma força, seja qual for (o nome pouco importa), organiza a matéria, segundo a forma típica das espécies, animais vegetais” (p. 112).

Podemos entender que trata-se da Força Vital.

Os materialistas então, argumentam que como as propriedades moleculares são iguais nos corpos animados e inanimados, a hipótese de uma força aplicada à vida, seria falsa.

“Objetam, enfim, que essa força não existe, porque «força sem substrato material é idéia abstrata, desprovida de senso” (p. 114).

No entanto, para o autor, a discussão não é a existência da força em si, mas que a concepção de Deus para estes cientistas, quando acontece, se dá fora do mundo, ao invés de entenderem que Deus permeia todos os movimentos e a própria força, em todos os lugares. Os positivistas materialistas vêem se ilhados neste longínquo universo material.

O Livro dos Espíritos nos esclarece, logo em seu início:

7 Poderemos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

– Mas, então, qual teria sido a causa dessas propriedades? Sempre é preciso uma causa primária.

[Kardec] Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são elas mesmas um efeito que deve ter uma causa.

8 O que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação acidental e imprevista da matéria, ou seja, ao acaso?

– Outro absurdo! Que homem de bom senso pode conceber o acaso como um ser inteligente? E, além de tudo, o que é o acaso? Nada.

[Kardec] A harmonia que regula as atividades do universo revela combinações e objetivos determinados e, por isso mesmo, um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria um contra-senso, porque o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente não seria mais um acaso.

9 Onde é que se vê na causa primária a manifestação de uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

– Tendes um provérbio que diz: “Pela obra reconhece-se o autor.” Pois bem: olhai a obra e procurai o autor. É o orgulho que causa a incredulidade. O homem orgulhoso não admite nada acima dele; é por isso que se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!

[Kardec] Julga-se o poder de uma inteligência por suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a natureza produz, a causa primária é, portanto, uma inteligência superior à humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, essa inteligência tem ela mesma uma causa e, quanto mais grandioso for o que ela realize, maior deve ser a causa primária. É essa inteligência superior que é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome que o homem lhe queira dar.

A força, através da ação divina, predomina sobre a extensão e duração da matéria.

“Bichat definia a vida como conjunto de funções que resistem à morte. Sem tomarmos puerilmente, ao pé da letra, essa definição, perguntamos: qual a primeira imagem que nos oferece o exame da estrutura de um vegetal ou de um animal? Certo, é a coordenação das funções orgânicas que constituem o ser vivente. E que será essa coordenação, senão um sistema de forças destinadas a movimentar a máquina animada?”

Deste ponto de vista, o que a tudo sobreleva é a idéia dinâmica. Banida ela, o que nos fica é nada mais que um cadáver” (p. 114-115).

Então, os átomos são igualmente compostos em toda parte, se renovam a todo o tempo nos organismos e no ambiente. Ainda assim, a espécie (orgânica nesse caso) não muda. Ela é idêntica. Flammarion também credita isso à força.

"Essa permanência devemos-la à força" (p. 115).

"Porque será que os elefantes de hoje são exatamente idênticos aos de que Pyrrhus se utilizava, há 20 séculos, e o corvo de Noé (se é que Noé existiu) se vestia do mesmo luto destes que aí sulcam os nossos céus de Setembro? Certo, porque o germe orgânico não reside somente na estrutura anatômica, mas, também e sobretudo, em uma força especial que se encarrega, sem enganos possíveis, da organização do ser, de modo a não dar a um cavalo uma cabeça de carneiro, nem a um coelho uns pés de pato!

Afirmando tão apaixonadamente a inexistência de uma força especial nos seres vivos, e que a vida mais não é que o resultado da presença simultânea das moléculas constitutivas do animal ou vegetal, justo seria procurassem, os arautos de tão audaciosas afirmativas, comprová-las experimental e ainda que modestamente. Improvisai um único, e o mais ínfimo ser vivo, e... nós nos renderemos. Vejamos: aqui está uma garrafa com carbonato de amoníaco, cloreto de potassa, fosfato de soda, cal, magnésia, ferro, ácido sulfúrico e sílica.

Sois vós mesmos a confessá-lo que nesse frasco está contido o princípio vital, completo, de plantas e animais. Fazei, portanto, uma plantinha, um só bichinho... Como assim? Calai-vos?" (p. 116-117).

No século XXI, com toda a tecnologia, mapeamento genético e até a possibilidade de clonagem, ainda não conseguimos a reprodução perfeita. Necessitamos de células prontas, doadas, pois só fazemos a cópia da criação, e não a criação em si. A cadeia bioquímica não sofre a manipulação total e os cientistas carecem de cópias perfeitas com desenvolvimentos adequados. Após mais de um século da obra de Flammarion, a ciência não consegue, através de pesquisas e desenvolvimentos, refutar Deus. Só aprofunda mais a sua perplexidade perante à complexidade da obra divina.

"Sim. Em vão vos consumis, tentando reivindicar para o homem a obra do Criador. É em vão que escreveis: Á onipotência criadora é a afinidade da vida... Com todo o vasto conhecimento da matéria e das suas propriedades, não conseguistes engendrar sequer um cogumelo" (p. 120).

Ou seja, o orgulho e a vaidade pelos títulos temporais da humanidade, além de 'provas materiais' que impressione os sentidos, cria um ciclo de burrice pseudocientífica, que não faz nada além de estagnar seus participantes.

"A própria Ciência vive retraida em seu santuário e os deixa rondar o tempo, a repicar o sino e fazer evoluções.

Que conclusão definitiva tira a escola materialista dessas manipulações? A de que a Química e a Física nos oferecem provas evidentes de que as forças conhecidas, das substâncias inorgânicas, exercem a sua ação, tanto em a Natureza viva como na morta.

Pela mesma razão que os obrigou a divinizar a matéria, em substituição a Deus, vemo-los animar, sem cerimônias, a matéria para destronar a vida” (p. 126).

Os homens da ciência continuam sua busca incessante pela vida, seus mistérios, composição, e tudo o que podem aprender sobre a mesma. No entanto, relatos mais específicos mostram a distância envolvida. O relato abaixo é transcrito da obra "Morte, Renascimento, Evolução - Uma Biologia Transcendental" de Hernani Guimarães Andrade, publicado em 1983.

"Alexandre I. Oparin, do Instituto de Bioquímica Bach da Academia de Ciências da URSS, e Sidney W. Fox, da Universidade de Miami, EE.UU. desenvolveram técnicas avançadas para a produção de coacervados [Coacervado é um aglomerado de moléculas proteicas envolvidas por água em sua forma mais simples. Acredita-se que essas tenham sido as primeiras formas de vida a surgir na Terra, embora não se explique como se deu esse surgimento] com funções bem semelhantes às de seres vivos rudimentaríssimos. Embora a distância entre estes complexos coacervados - verdadeiros protobiontes - e os atuais seres vivos mais simples seja enorme, tais experiências parecem, de certa forma, aproximar-se dos processos provavelmente desenrolados já mais de 3.2 bilhões de anos sobre a Terra, dando origem aos primígenos organismos vivos.

(...) Entretanto, por mais perfeitos que sejam os coacervados, (...) os biólogos são todos unânimes em reconhecer a distância enorme que ainda os separa dos verdadeiros organismos vivos" (p. 20).

Há apenas algumas décadas, a ciência tentava produzir a vida nos primórdios do planeta, e mesmo assim, não explicava como as coisas chegavam àquela combinação de elementos (coacervados). Pode-se afirmar que dos coacervados a vida evoluiu, mas não se sabe como tudo começou. É o mesmo problema dos materialistas do século XIX.

“Atentatória da verdade é a pretensão de explicar pela Química e pela Física os fenômenos fisiológicos, afirmando a identidade das reações intra e extraorgânicas. A Química e a Física se conjugam, porque as mesmas leis presidem à sua fenomenologia; mas um imenso intervalo as separa da ciência biológica, porque existe enorme diferença entre as suas leis e as leis da vida.

Dizer que a Fisiologia é a física animal, é dar uma definição tão inexata como se disséssemos que a Astronomia é a física dos astros. A esse conceito de Bichat o Dr. Cerise adita: ‘os fenômenos vitais são complexos e as forças físicas neles cooperando, incontestavelmente, mas em proporções difíceis

de medir, os submetem ao império de uma força superior, que os rege em função de suas finalidades” (p.129).

A física e a química são ferramentas, meios de análise para verificação, e não a explicação do problema em si mesma. Podemos até chama-las de ferramentas empíricas, pois que nos ajudam a constatar a verdade. Formulam hipóteses, teorias, até provam muitas, mas sempre no intuito de analisar o quadro dado, e não de criar um quadro novo.

“Quando a Química deixou adivinhar no ser humano um alambique no qual o ácido procura a base, as moléculas se agrupam de acordo com as leis de que falamos na primeira parte; quando fizeram ver que o animal vivo não passa de um vaso de reações, e que as forças químicas e físicas nele se entregam a perpétuo combate em campo fechado; quando mostraram que os fenômenos da fecundação, da nutrição e da própria morte, mais não são que fermentações ordinárias, já se não sabe mais onde residem essas forças misteriosas que denominamos vida, instinto e consciência, quando se trata de criaturas humanas” (p. 132).

Compor os materiais (substâncias) da vida, não é ocupar-se com o ser vivo em si, já que a matéria produzida não é animada (orgânica) mas sim um agregado molecular semelhante. Podemos produzir um órgão semelhante ao rim, mas ele só será orgânico, se for transplantado para um ser humano ou animal que o assimile, compatibilize, preencha com seus fluidos materiais (bioquímicos) e também com seu fluido vital. Do contrário, é um objeto artificial.

“Quanto mais estudamos as ciências na sua metafísica, mais nos podemos convencer que esta nada tem de inconciliável com a mais idealista filosofia: as ciências analisam as relações, aferem medidas, descobrem as leis que regulam o mundo fenomenal; mas não há fenômeno algum, por insignificante que seja, que não as coloque em face de duas idéias, sobre as quais o método experimental carece de eficiência, a saber: 1º — a essência da substância modificada pelos fenômenos, e, 2º — a força que provoca essas modificações. Só conhecemos e vemos, por fora, as aparências; a verdadeira realidade, a realidade substancial, a causa, nos escapa. Digno é de uma alta filosofia considerar todas as forças particulares, cujas manifestações são analisadas pelas diversas ciências, como oriundas de uma força primária, eterna, necessária, fonte de todo o movimento e centro de toda a ação. Em nos colocando neste ponto de vista, os fenômenos e os próprios seres não são mais que formas mutáveis de uma idéia divina” (p. 133).

Quando aceitarmos a ciência como ferramenta útil de análise, ela será conciliada com a religião e formará uma verdade. Nada mais metafísico do que a questão das “afinidades” em química, dentre outras palavras / termos que a ciência aceita. Poderá a ciência mapear toda a natureza um dia, conhecer todos os processos que impressionam ou não seus sentidos, poderá desvendar o obscuro mistério que percorre, mas nunca será capaz de originar vida, de produzir força vital.

"Em parte alguma, a planta mais rudimentar, o animal mais ínfimo da escala zoológica, nasceram do concurso das afinidades químicas. Por maiores progressos que faça a Química orgânica, ela será sempre detida pela impossibilidade de originar a força vital, de que não dispõe" (p. 134).

"Laborando na organização da vida, sois forçados a vos submeter às leis ordenadas e as aplicar passivamente, sem as contrariar de qualquer forma. Então, já não seríamos nós a originar a vida e sim as leis eternas, das quais nos arvoraríamos, por um instante, em simples mandatários" (p. 135).

"Ora, ainda mesmo que conseguísseis fazer um pedaço de carne, nem por isso o teríeis criado e sim, apenas, reunido os elementos que constituem a carne, segundo as leis inexoráveis, assinadas à organização da Natureza. E dado que os pósteros possam ver um dia surgir do fundo de suas retortas um ser vivo, ainda assim, de antemão lhes dizemos que muito se iludiriam se concluíssem pela inexistência das leis divinas, pois não haveria de ser à revelia delas que houvessem de consumir essa obra-prima da indústria humana." (p. 135-136).

"Está, portanto, demonstrado, à saciedade, que a circulação da matéria não se efetua senão sob a direção de uma força inteligente" (p. 137).

A clonagem é um grande exemplo de avanço científico. Talvez um dia produza órgãos para transplante. Serão pedaços de matéria, objetos mesmo, até que entrem em contato com o paciente e adquiram dele o fluído vital, capacidade de assimilar as reações internas ao corpo dele, e então será posto em funcionamento. Não se produz órgãos, se produz pedaços de matéria, que podem virar órgãos através da assimilação do fluído vital do paciente.

Isso é importante pois mantém Deus no controle do universo e das leis da Natureza. Este órgão seria criado para substituir matéria, não criar vida.

"Como teriam surgido na Terra as espécies vegetais e animais? Eis a questão que atualmente nos interessa. Depois de observar a platéia e o comentário dos espectadores, levantemos o pano que oculta o verdadeiro cenário e apreciemos a peça. A Natureza é sempre o maquinista invisível. Tentemos surpreendê-la, na esperança de que ela não seja bastante atilada para subtrair-se à nossa perquisição" (p. 137).

#####

II – A ORIGEM DOS SERES

"Os movimentos atômicos foram, indubitavelmente, obra do acaso, sem contingência de racionalidade e, nada obstante, desde os primórdios do mundo, existiam animais que se diriam protótipos raciais.

Uma vez formados esses animais pelos átomos errantes em todas as direções, a engendrarem movimentos de aproximação, de repulsão, de exclusão ou de junção, alguns, apenas, vinham adaptar-se e conjugar-se aos átomos do animal protótipo, isto é, os que com estes se identificavam em natureza. Os outros, ao contrário, eram repelidos, por dissímeis dos constitutivos do animal.

Tudo se explica, portanto, exceto a maneira como, nos primórdios do mundo, se formaram os protótipos" (p. 141).

O autor analisa aqui as hipóteses materialistas para o surgimento da vida na Terra. As hipóteses não se alteram muito em relação ao que é aceito hoje em dia, mas a problemática exposta no capítulo anterior persiste. O que seria o poderoso **'ACASO'**? Toda a vida é um acidente perpétuo?

Nas próximas páginas, Flammarion coloca a hipótese da 'geração espontânea'. Hoje é uma hipótese já descartada pela ciência moderna, mas na época em que este livro foi escrito (século XIX) era o grande achado positivista.

"A vida está universalmente difundida por toda a Natureza, a Terra é ânfora assaz exígua para conter a vida, que desborda em qualquer parte e, não contente de repletar águas e terras, inorgânica, ela se acumula em si mesma, vive à sua própria custa, cobre de parasitas animais e plantas, desdobra florestas no dorso de um elefante e faz, de uma simples folha verde, o pascigo de rebanhos inumeráveis. Ora, essa vida múltipla, insaciável, inumerável, povoa de animálculos cada espécie de seres e de substâncias. Quando, pois, vemos os saltões crescerem no interior do queijo; vermes aflorarem do cadáver; infusórios flutuarem num líquido, não se trataria de animálculos já existentes em germe num estado inferior, no leite, no animal vivo, no líquido, e que se metamorfoseiam por influência das condições novas em que se encontram colocados? Sabemos, porventura, quantas espécies de vegetais e animais vivem em nosso corpo?" (p. 153-154).

Hoje sabemos que onde há vida em qualquer formato, há uma incalculável quantidade de micro-organismos presentes. Até em locais absurdamente inóspitos, há vida microscópica. No próprio corpo humano, são milhões e milhões de micro-organismos habitando o corpo por dentro e por fora.

"Os micrógrafos mutuamente desacreditaram a sua causa, fazendo baixar às suas retortas as potências criadoras. Acreditarão eles que, dado pudesse a matéria inerte tornar-se semi-organizada, e depois organizada, sob a

influência de tais e quais forças, teriam suprimido a causa soberana dos domínios da Natureza? Absolutamente. O que tais experiências inculcam, e eles em sua maioria ignoram, é o protesto contra o Deus humano e a elevação do espírito a concepções mais puras e mais grandiosas, do misterioso Criador. Será rebaixar a idéia de Deus o considerar o Universo um como gigantesco desdobramento de uma obra única, cujas modalidades se manifestam multifárias, e cujos poderes se traduzem em forças particulares, distintas? A substância primitiva ocupa o espaço ilimitado. O plano divino está em que esta substância seja um dia condensada em mundos, nos quais a vida e a inteligência hajam de irradiar esplendores. A luz, o calor, a eletricidade, o magnetismo, a atração, o movimento sob modalidades desconhecidas percorrem, atravessam essa substância primordial, como o vento da Grécia, que, ao tempo de Pan, timbrava as harpas eólias no âmbito da noite. Que mão empunha o arco e preludia o mais magnífico dos coros? Não pode a inteligência humana defini-lo. Escutemos, atentos, o longínquo concerto da Criação" (p.157-158).

A inteligência humana, na sua disputa cega em tentar entender a vida, a força vital, acaba por percorrer uma via em círculos apenas nas explicações que convém. Se, perante o Universo o homem é menor do que um grão, porque suas idéias e sua inteligências seriam maiores?

"Declarações interessantes, que importa registrar, para opô-las aos nossos materialistas.

Pretendem estes que a doutrina da geração espontânea, sustentada pelo Sr. Pouchet e a da origem das espécies, amparada pelo Sr. Darwin, destróem, ambas, a idéia de Deus, e eis que, nem um nem outro admite essa acusação e protestam contra a ilusão dos nossos adversários. Nisto, pois, como em tudo o mais, são eles logrados por uma falsa miragem. Consignemos, assim, como novos dados, este duplo e valioso fato. Em primeiro lugar, os materialistas não têm o direito de se apoiarem na geração espontânea para concluir pela não existência de Deus: 1º — porque essa geração não está provada, e 2º — porque, se o estivera, não acarretaria uma tal consequência. Em segundo lugar, não têm o direito de afeiçoar ao seu ponto de vista o sistema do transformismo das espécies, já porque tal sistema não está provado, e já porque ele não afeta a questão dominante das origens da vida" (p. 162-163).

O autor cita trechos da obra de Darwin (A Origem das Espécies) e deriva algumas conclusões a respeito da obra. Vale ressaltar que, apesar do título da obra, Darwin nunca concluiu ou explicou qual a real origem das espécies, nem chegou a uma conclusão fundamental sobre a causa da existência.

"A seleção natural — diz Darwin — não afeta nenhuma lei necessária e universal de desenvolvimento e de progresso. Ela cogita, apenas, de toda e qualquer variação que se apresenta, quando vantajosa à espécie ou aos seus representantes. Tenho apenas necessidade de aqui dizer — declara ele

mais além — que a Ciência em seu estado atual não admite, em geral, que seres vivos, ainda hoje, se elaborem no seio da matéria inorgânica" (p. 163).

Ou seja, o ponto inicial, aquele que animou a matéria, que trouxe a "vida" à tona foi ignorado. Utiliza uma explicação obscura e subjetiva.

Flammarion foi contemporâneo de um famoso químico chamado Sr Fremy, que por seus estudos havia identificado corpos 'indecisos' (com associação imprevisível). Os materialistas positivistas perceberam ali a possibilidade de comprovação da geração espontânea, visto que estes corpos animariam a matéria. Eis o que Fremy lhes respondeu:

"Precisarei dizer que recuso, sem hesitação, a idéia de geração espontânea, tomada no sentido de produção de um ser organizado, por mais simples que seja, com elementos que não possuem a força vital. A síntese química permite, sem dúvida, reproduzir grande número de princípios imediatos de origem vegetal ou animal, mas a organização opõe, a meu ver, uma barreira intransponível às reproduções sintéticas" (p. 164).

E ainda sobre Darwin:

"Quanto a Carlos Darwin, em vão temos rebuscado a sua opinião, mesmo quanto à origem das espécies. Contenta-se ele com o explicar a variabilidade possível dum certo número de tipos primitivos, e é uma nota no mínimo singular, que, em obra tão volumosa e opulenta sobre a origem dos seres, não se trate absolutamente dessa origem!"

O problema é obscuro: a distância do nada a alguma coisa é maior que de alguma coisa a tudo. Seja qual for o sistema a que se filiem nossas crenças íntimas, espiritualistas ou materialistas, todos estamos assomados pelo inexplicável mistério da vida. Porque não reconhecer com franqueza a nossa absoluta ignorância neste particular? E contudo, essa ignorância deveria moderar um pouco o ardor negativista dos ateus, levando-os a tratar o enigma com menos arrogância. É de convir que, quando nos assoberba uma tal incerteza, ninguém pode cantar vitória. Quiséssemos voltar à questão e fácil nos seria pôr todas as vantagens do nosso lado; poderíamos impor Deus aos adversários, sem que eles pudessem subtrair-se ao seu domínio. Não demonstrando a Ciência que as afinidades da matéria possam criar a vida, o papel do Criador, aqui, fica íntegro como nos tempos de Adão e até dos pré-adamitas. E ainda que o demonstrasse, a origem e o entretenimento da vida deixam ver claramente a existência de uma força criadora, ou seja, por outras palavras, um Deus oculto" (p. 168).

O propósito da obra é a derivação racional do conhecimento da época, sem a subjetividade de uma metafísica que só é usada quando os próprios materialistas positivos precisam recorrer a ela para uma hipótese minimamente estruturada. Eles não possuem elementos para explicar com outra hipótese que não a de um Criador (Deus), e postergam esta explicação, negando cegamente o Pai em prol de teorias absurdas e mirabolantes. O preço do orgulho é o ridículo.

Sobre a mutabilidade das espécies, sua adaptação e seleção natural, sabemos que o homem manipula cruzamentos de espécies para atuar na genética e modificar alguns elementos orgânicos e até características físicas. Mas isso não é criar, é alterar as opções que a própria Natureza oferece, é manipular quadros dados, e não criar um desenho novo.

"Não é, porém, o homem que produz a variabilidade. Ele apenas expõe, e muitas vezes sem desígnios, os seres orgânicos a novas condições de vida. Então, a Natureza, agindo sobre o organismo, produz variações. Podemos escolher, então, essas variedades e as acumular na direção que nos prouver. Assim, adaptamos animais ou plantas, às nossas conveniências, e até aos nossos caprichos. Tal resultado pode ser obtido sistematicamente, e mesmo sem objetivo preconcebido, qualquer, bastando que, sem propósito de alterar a raça, se conservem de preferência os indivíduos que, num dado tempo, lhe são os mais úteis. Certo é que se podem transformar os caracteres de uma espécie escolhendo-se de cada geração sucessiva as diferenças individuais; e este processo seletivo foi o agente principal de produção das raças domésticas, mais distintas e mais úteis" (p. 175).

A seleção natural é, portanto, uma constante da evolução das espécies, mas não originou-se do acaso.

"O testemunho geológico apóia a teoria da descendência modificada. As espécies novas apareceram lentamente e por intervalos sucessivos no cenário do mundo, e a soma das mudanças efetuadas em tempos iguais é muito diferente nos diversos grupos. A extinção de espécies e de grupos inteiros de espécies, que representou papel tão importante na história do mundo orgânico, é uma série quase inevitável do princípio de seleção natural, pois as formas antigas devem ser suplantadas por novas formas mais perfeitas" (p. 178).

"Muitos de nós preferem descender de um Adão degenerado, antes que de um macaco aperfeiçoado. E contudo, a Natureza não nos consultou a respeito" (p. 181).

"A hipótese zoológica que encara o homem como descendente de uma raça símia, antropóide, não é imoral nem antiespiritualística. Os que a abraçaram nestes últimos tempos não o fizeram com o propósito de hostilidade ao Cristianismo e por professarem doutrinas pagãs" (p. 182).

"Não somos menores por isso, nem menos puros. Somente por estreiteza de espírito é que intermitimos na filosofia psicológica imaginários temores, suscitados pela ciência zoológica. Se nosso berço terrestre fôsse a manjedoura de rústico estábulo, qual o de Jesus, nem por isso nossa vida e nossa missão seriam menos santas e altanadas. A superioridade está em nossas faculdades intelectuais" (p. 183).

A hipótese de descendência não anula um Criador, nem uma religião, ela serve para demonstrar que a biologia molecular, trabalhando com elementos semelhantes desde o embrião pôde derivar do símio irracional o ser humano inteligente. Do ponto de vista anatômico, há muita similaridade:

"O lugar anatômico do homem ocupa graus superiores ao em que se assenta o chimpanzé; a diferença entre os cérebros do negro e do primata não é maior que a que separa o chimpanzé do saju, e, sobretudo, dos lemurianos" (p. 184).

"Hoje ninguém contesta a existência do homem anterior ao período glaciário e desde o começo da época quaternária" (p. 185).

E, no entanto, muitos hoje ainda estão em busca de um 'elo perdido' evolucionário:

"Ao problema cronológico do aparecimento do homem na Terra, a Ciência nada responde por enquanto. Demais, se o homem não apareceu espontaneamente, tal data não existe. Quanto aos vestígios de humanidade, ou do homem em si mesmo, as opiniões (pois que se não trata, no caso, senão de opiniões) são vagas quão variáveis" (p. 186).

"Tudo quanto podemos afirmar, é que a Humanidade é muito mais antiga do que se supôs até agora, tendo começado por graus inferiores, antes que se elevasse à noção de justiça e de moral. Se nos fora permitido remontar a essas épocas, não poderíamos reconhecer a civilização da nossa era na caligem das idades bárbaras, quando a inteligência em seus primórdios esforçava por desprender-se das possantes constrições da matéria.

Preferimos confessar essa ancianidade e essa possível origem da nossa espécie, sem escrúpulos para com o Espiritualismo e sem acompanhar o mau exemplo dos que intrometem as crenças religiosas a propósito de tudo, e mesmo sem propósito" (p. 187).

Porque a moral é resultado do desenvolvimento das civilizações. Imaginamos que os povos primitivos aprenderam primeiro outras fazes de organização social (vide tribos e etc) e não se ocuparam com um conceito avançado como a moral, o que só seria possível, quando a sobrevivência fosse assegurada, ou garantida pela maioria.

"Longe de possuir tendência materialista, esta hipótese da intermissão na Terra, em épocas geológicas sucessivas, primeiramente da vida, depois da sensação, do instinto e da inteligência dos mamíferos superiores convizinhos da racionalidade e, finalmente, da razão perfectível do próprio Homem — parece-nos, ao invés, o desdobramento de um plano grandioso, apresentandonos o quadro da predominância crescente do espírito sobre a matéria" (p. 190).

Desta forma, de tempos em tempos a evolução toma seu posto de manipuladora da matéria, é uma visão evolutiva, de conhecimento, crescimento e progressos graduais.

"Mesmo admitindo-se a mais alta influência dos meios na transformação dos órgãos, essa transformação não será, sempre, o efeito da vida e vida regida pela inteligência e dotada de uma espécie de obediência ativa à lei intelectual do progresso?" (p. 191).

A evolução é um mecanismo de vida e da Natureza (por consequência). Flammarion termina com uma breve síntese do que foi visto até agora. Uma constante, é a capacidade dos materialistas de embutir propriedades maravilhosas à matéria, enquanto são capazes de negar Deus justamente pela sua intangibilidade ou incapacidade de ser provado. Veremos nos próximos capítulos, que muitos postulados científicos ocorrem em um nível atômico de análise, que era inviável na época de Flammarion e destes cientistas.

"Assim, em resumo, vimos de demonstrar que, seja do ponto de vista da circulação na matéria dos seres vivos, seja no da origem e da perpetuidade da vida, esta se constitui de uma Força única e central para cada ser, que dispõe a matéria organizável segundo um plano, do qual o indivíduo deve ser a expressão física. Nesta segunda, como na primeira parte, temos refutado todos os pontos dos nossos adversários. Eles não mais sustentam a sua hipótese materialista e, com os seus exageros mais temerários, antes auxiliam a nossa tese, pois conceituando a matéria capaz de tudo fazer, mal se precatam que apenas substituem a idéia da força" (p. 191).

#####

TOMO III

A ALMA

I – O CÉREBRO

"Efetivamente, a verdade tem duas espécies de adversários: os cépticos do materialismo, e os cépticos do dogma" (p. 193).

Os cépticos dos dois lados são igualmente radicais e igualmente ‘cegos’ por conveniência. Ambos se trancam em suas bases limitadas de conhecimentos engessados, e ao invés de perceber complementariedade um no outro, se rivalizam, o que subtrai conteúdo e conhecimento de ambos.

O espiritismo é a comprovação de como a ciência positiva e a religião podem formar um grande arcabouço filosófico.

Abaixo uma análise da anatomia do cérebro, dada pela época em que Flammarion existiu.

"Seja qual for a opinião a respeito da natureza do espírito, não há duvidar de que o cérebro não seja o órgão das faculdades intelectuais. Examinemos-lhe a estrutura. Esta, diz Carl Vogt, é extremamente complicada. Não há no corpo humano nenhum órgão que, com um número proporcionalmente tão diminuto de elementos anatômicos a lhe constituírem a substância, possua tamanha quantidade de partes diferentemente conformadas e provando, à evidência, por sua forma exterior e estrutura interna, sua posição e relações mútuas, que elas presidem a funções especiais, que ainda não foi possível fixar" (p. 196).

"Parece que o pensamento é proporcional ao número e à irregularidade das circunvoluções. O homem, o orangotango e o chimpanzé, têm circunvoluções no lobo médio, ao passo que nas outras espécies de macacos e nos outros animais esse lobo é absolutamente liso. A figura desses sulcos e dos que descrevem meandros irregulares nos outros lobos, é tanto mais irregular, quanto mais caracterizado o pensamento" (p. 198).

Sinais fisiológicos (anatômicos) semelhantes entre as espécies animais colocam homem e símios face a face.

"Nas espécies animais e na humana, a superioridade da inteligência parece tanto mais elevada, quanto mais sinuosas sejam as anfratuosidades do cérebro, mais profundos os sulcos e mais numerosas as impressões e ramificações, a assimetria e irregularidade. As estrias, muito visíveis no cérebro do adulto, não se evidenciam no da criança. O cérebro de Beethoven apresentava anfratuosidades duplamente mais profundas que os cérebros comuns" (p. 199).

Flammarion expõe e analisa dados sobre volume e tamanho do cérebro, como fatores da predominância humana, ainda que no reino animal, existam seres com maior volume cerebral.

"O homem, supõe-se, tem o maior cérebro real, pois, ainda que o de alguns animais, no conjunto, sejam mais volumosos, o humano é o mais considerável nas partes que dizem com as funções do pensamento. O resultado geral das operações anatômicas demonstra que a diminuição do cérebro animal aumenta à proporção que baixa a escala zoológica, e que os animais dos primeiros degraus, como sejam os anfíbios e os peixes, são os de menor cérebro" (p. 201).

"A nós nos parece, contudo, que não é tanto no peso absoluto do cérebro, como na sua relatividade com o peso do corpo, que devemos atentar" (p. 201).

Ainda fisiologicamente, o autor traz a afirmação de que o cérebro da mulher é mais leve que o do homem. E faz um complemento diplomático sobre este aspecto:

"Acrescentaremos, também, que a estatura e o peso médio da mulher, sendo inferiores aos do homem, conviria levar em conta essa diferença, vantajosa para ela, mulher. Mas, nada obstante, as senhoras se nos avantajam tanto, pelos dotes de coração, que lhes não custará ceder-nos a fria superioridade do entendimento" (p. 203).

Hoje sabemos, inclusive, que a mulher possui uma menor quantidade de neurônios em relação ao homem, mas que a prática demonstrou não alterar o equilíbrio de inteligência entre os gêneros.

"Uma característica anatômica mais geral consiste em que o cérebro recobre o cerebelo tanto mais completamente, quanto mais elevado seja o animal na escala zoológica. Já nos macacos se encontra um bordo estreito que ultrapassa, atrás e em baixo, os hemisférios cerebrais. Nos outros animais ele estende-se ainda, mais a mais. A mesma observação pode fazer-se do ponto de vista embriológico. No feto o cerebelo não é recoberto pelo cérebro, senão depois do sétimo mês" (p. 204).

Outra característica do cérebro, é a insensibilidade à dor.

"Uma alteração no cérebro acarreta uma alteração correspondente no pensamento. As enfermidades mentais assinalam-se por umas tantas lesões. Em trezentos e dezoito disseções de alienados, apenas trinta e duas deixaram de patentear alterações patológicas do cérebro e das membranas, e cinco somente não apresentavam anomalia qualquer. (Romain Fischer.)

Lesões cerebrais há que produzem, por vezes, efeitos espirituais surpreendentes. Assim, contam os anais da Fisiologia que no hospital de São Tomás, Londres, um homem gravemente ferido na cabeça entrou a falar, depois de curado, um idioma absolutamente esquecido durante a sua permanência de trinta anos naquela cidade. Uma degenerescência de ambos os hemisférios produz sonolência, debilidade mental e mesmo idiotia completa. A superabundância de líquido raquidiano origina a debilidade mental e o estupor. A ruptura de um vaso sanguíneo do cérebro causa o estado patológico chamado apoplexia. Toda gente sabe que a perda da consciência é uma consequência dessa alteração mórbida. A inflamação do cérebro causada pela repleção dos vasos sanguíneos e uma excessiva exsudação plástica, desfecham a febre cerebral e o delírio. Quando os batimentos do coração fraquejam, a ponto de ocasionar uma síncope, o sangue afluí escassamente ao cérebro. Também a perda dos sentidos acompanha uma síncope. O cérebro dos decapitados morre célere, em consequência da perda de sangue. Sendo o oxigênio condição indispensável ao renovoamento do sangue, em lhe faltando este, o encéfalo é o primeiro a se ressentir e sobrevêm, então, as cefalalgias, as vertigens, as alucinações" (p. 206).

Sobre as enfermidades mentais, muitas obras no Espiritismo tratam da temática. Especialmente as psicografadas por Divaldo P. Franco, Chico Xavier, e obras de estudo escritas por Suely Caldas Schubert. Adiante, citarei alguns trechos de uma obra de Bezerra de Menezes (A Loucura Sob um Novo Prisma) que escreveu enquanto encarnado.

"Fizemos este esboço não só no intuito de levantar o combatido adversário, como para fornecer cabedal de reflexão a muitos espiritualistas ingênuos, que acreditam resolvidos todos os problemas" (p. 207).

Flammarion, antes de tudo, é um homem da Ciência. Para ele, nenhum dos lados envolvidos (ciência materialista e religião) devem se fechar e se enclausurar no conhecimento que apenas serve ao interesse egoístico de uma posição filosófica.

"Notemos, antes do mais, que nenhuma lei exclusiva existe, acerca da correspondência do cérebro com o pensamento. Não está rigorosamente demonstrado: 1º — que o peso do cérebro aumenta até à madureza e decai depois (Sommering lhe fixa o desenvolvimento máximo aos 3 anos, Wenzel aos 7, Tiedemann aos 8, Gratiolet na velhice, etc.); 2º — que a Inteligência esteja em relatividade com o peso (os crânios de Napoleão, Voltaire, Rafael, não ultrapassaram a média); 3º — que uma fronte larga seja índice de genialidade (Lelut demonstrou que os idiotas apresentam ordinariamente uma fronte desenvolvida, e que é impossível determinar relações exatas entre a inteligência e as dimensões cranianas); 4º — que a loucura provenha sempre de uma lesão cerebral, antes parecendo uma afecção psíquica. (Esquirol, Lelut, Leuret, Georget, Ferrus, constataram que a loucura não é seguida de lesões senão quando coincide com enfermidades orgânicas.)" (p. 207-208).

Não há relação fisiológica entre cérebro e pensamento, sendo que pensamento aqui é utilizado no sentido de função apenas orgânica. Há sim sinapses, transmissões elétricas, etc.

"O nó do problema está em decidir se o cérebro é um órgão ao serviço da inteligência, ou se esta é uma criação do cérebro, filha e escrava da substância cerebral" (p. 208).

"Sem dúvida, o estado da alma prende-se ao estado do cérebro; certo, o enfraquecimento deste acarreta o desfalecimento daquela; as crianças e os velhos (posto que com exceções numerosas) raciocinam com menos clareza e rigor que os homens maduros; e concebe-se que uma lesão cerebral produza a perda de faculdades correspondentes; mas, que prova tudo isso, uma vez que o cérebro é, neste plano, o instrumento necessário, sine qua non, da manifestação da alma? — Se, em vez de ser a causa, ele é apenas a condição?" (p. 209).

Da mesma forma que os materialistas viam na matéria a causa primordial da força, também entendem o cérebro como causa primordial do pensamento e da personalidade, enquanto outras obras colocam o cérebro como 'instrumento', 'condição' ao invés de causa.

"Se o melhor músico do mundo só dispusesse de um piano com falta de algumas teclas, ou de instrumento outro de construção defeituosa, seria lícito negar talento musical a esse músico só por lhe falhar o instrumento, sobretudo quando, ao seu lado, outros artistas, por disporem de instrumentos à altura de seus talentos, se fazem admirar por quem os ouve?" (p. 209).

Então um corpo imperfeito não anula a presença da alma. O cérebro seria um piano com a falta de algumas teclas, incapaz de traduzir a sensibilidade transmitida pela alma.

"É ou não a alma uma força pessoal animando o sistema nervoso?" (p. 209).

Corroborando o raciocínio, alguns estudos práticos:

"Alberto, um anatomista de Bonn, dissecou cérebros de pessoas que se haviam entregado a trabalhos intelectuais durante alguns anos, e achou em todos uma substância muito consistente e a massa parda, bem como os sulcos, assaz desenvolvidos. Se, por outro lado, observamos com Spurzain, Gall e Laváter, que a cultura das faculdades superiores do espírito se nos imprime no crânio e no semblante; se visitarmos o Museu de Antropologia de Paris e notarmos, através da coleção de crânios do abade Frêre, que os progressos da Civilização redundaram na elevação da parte anterior e na depressão da occipital, poderemos tirar destes fatos uma conclusão diametralmente oposta à dos adversários, para afirmar que o pensamento rege a substância cerebral.

Não temos aí, claro como o dia, o trabalho do espírito sobre a matéria? E as conclusões não derivam de si mesmas para abrir passagem triunfal à nossa doutrina?" (p. 210).

O cérebro, quanto mais utilizado, mais demonstra em sua fisiologia essa condição. Mas e a loucura?

"Mais do que se imagina, a própria Anatomia fisiológica se embaraça, no concernente à loucura em relação com o estado do cérebro. Enquanto num, como os citados, muito vêem; outros, não menos hábeis, nada encontram. Assim, o alienista Leuret declara que nenhuma alteração cerebral se encontra, senão nos casos em que a demência é precedida de qualquer outra enfermidade, e que essas alterações são tão variáveis e diferentes que não autorizam apresentadas, afirmativamente, como verdadeiras causas. Assim também, a propósito das anfratuosidades há pouco referidas, poder-se-ia não ver mais que efeitos.

Quando nossos adversários acrescentam que os casos de demência protestam contra a existência da alma, não estão melhor aparelhados para defender o seu sistema. Duas hipóteses se apresentam para explicar a loucura. Ou há, ou não há uma lesão no cérebro. No primeiro caso, a falha

do instrumento não demonstra a inexistência do artista; e, no segundo, o problema fica pertencendo à ordem mental" (p. 211).

"Melhor ainda: o primeiro caso pode enquadrar-se no segundo, se admitirmos, qual sugere a experiência, que a loucura — seja a causada por uma dor súbita, por um grande susto ou por desesperação profunda — tem, em todos estes casos, sua fonte no ser mental, que reage contra o estado normal do cérebro e lhe acarreta qualquer alteração. Ainda aqui, é evidente, que quem sofre é o ser pensante, a determinar no organismo um distúrbio correspondente ao sofrimento" (p. 212).

E os estudos do Dr Bezerra de Menezes, enquanto encarnado, nos esclarecem alguns pontos (citações selecionadas da edição FEB de 2005).

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES – A LOUCURA SOB UM NOVO PRISMA

"Está, pois, verificado que há loucura com e sem lesão cerebral; e, portanto, que há dois casos bem distintos de loucura – ou que há loucura de duas espécies.

É intuitivo que dependendo o pensamento do cérebro, como órgão produtor, segundo uns; como órgão transmissor, segundo outros; mas órgão essencial, segundo todos, é evidente que um caso de loucura com lesão daquele órgão, não pode ser o mesmo que o de loucura sem lesão dele" (p. 11-12).

"A loucura, porém, ou alienação mental, coincidindo com o mais perfeito estado fisiológico do cérebro, isto, sim, não é fácil de entrar na compreensão humana. O olho perfeitamente são não se compadece com a perturbação da visão.

Sendo assim – e em face da lei: órgão são, função perfeita – órgão doente, função perturbada é óbvio que a Ciência explica a loucura com lesão do cérebro, mas não a loucura sem tal lesão" (p. 12).

Hoje sabemos que o pensamento e a vontade são fatores determinantes, e também o equilíbrio psíquico. O caso de problemas mentais sem lesão no cérebro, evidenciam que o órgão é instrumento, e não causa da inteligência.

"A capacidade craniana do negro livre é maior que a do escravo. Eis um fato significativo que poderia (em dada circunstância) ser invocado a favor da liberdade. Tendo provas de que as impressões exteriores influem no pensamento, temo-las por igual de que o pensamento domina os próprios sentidos. Quantas criaturas não vemos por aí, cujo cérebro e cujo corpo padecem enfermidade lenta e rebelde, arrostando uma existência de misérias e dores e conservando, sem embargo, fortaleza de ânimo, e

guardando a flor da virtude, sobranceiras à torrente de lodo que as arrasta, e vencendo pela grandeza do caráter os elos da adversidade?

Negaríeis, também, que haja dores morais que residem, lacerantes, nas profundezas insondáveis da alma? — dores íntimas, não causadas por acidentes físicos, nem por enfermidade exterior, nem por alteração do cérebro, mas, tão só, por uma causa incorpórea, qual a perda de um pai, a morte de um filho, a infidelidade de um ente amado, a ingratidão de um protegido, a traição de um amigo; ou ainda pelo quadro de um infortúnio, pela derrota de uma causa justa, pelo contágio de idéias malsãs; por multidão de causas, enfim, que nada têm de comum com o mundo da matéria e não se medem geométrica e quimicamente, mas constituem o domínio do mundo intelectual?" (p. 213).

Foi observada uma espécie de ‘atrofia cerebral’ quando este não é apresentado a novos conhecimentos, ou obrigado a raciocinar.

A principal fronteira do pensamento materialista positivista é o íntimo de cada individualidade. Sentimentos, sensações, emanam para outros locais do corpo que não o cérebro.

"Proclamar que não há no homem mais que um produto da matéria, assimilá-lo a um composto químico e deduzir que o pensamento é uma produção química de certas combinações materiais, é um erro monstruoso.

Todos sabemos que o pensamento não é ingrediente de oficina.

Espírito e matéria são entidades tão estranhas uma à outra, que, todas as línguas, de todos os tempos, sempre as conceituaram diametralmente opostas.

As leis e forças espirituais existem independentemente das corporais. A força de vontade é bem distinta da força muscular. A ambição difere da fome, o desejo distingue-se da sede. Onde encontrareis as leis morais que regem a consciência? Que o crânio caucásico seja oval, o mongol redondo e o negro alongado, em que é que o sentir humano se associa às fibras granulares ou cilíndricas? Que têm de comum as noções de justo e injusto com o ácido carbônico?" (p. 215).

A oposição entre espírito e matéria só contribui para empobrecer o diálogo. Mas os fisiologistas materialistas insistem na tese de que o pensamento é uma substância cerebral apenas.

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES – A LOUCURA SOB UM NOVO PRISMA

"... o materialista recorre a subterfúgios, e eleva às alturas o axioma que ‘o cérebro é que segrega o pensamento, como o fígado segrega a bÍlis’.

Infeliz comparação, que solapa pela base a doutrina em cujo apoio é invocada!

O pensamento está no caso da força ligada à matéria; não pode ser apreciado por nenhum dos nossos sentidos, e, conseguintemente, rechaça a lei fundamental do materialismo” (p. 28).

“Se o cérebro fosse o órgão secretor do pensamento, como sustentam os materialistas, desde que houvesse paralisia dos nervos sensitivos, não haveria sensação, e sem sensação é da escola, não há percepção.

Temos, porém, visto o contrário, por experiências irrecusáveis, fornecidas pelos anestésicos, pelo Hipnotismo e pelo Magnetismo; temos visto, além disto, que há perturbação mental com o cérebro são, e perfeita lucidez com o cérebro lesado. Logo, não é o cérebro que produz o pensamento.

A outra consideração é esta:

Não é mais lícito duvidar de que a alma sobrevive ao corpo; ela se apresenta, depois da morte, com a faculdade pensante, como ficou provado; logo, o pensamento é atributo da alma” (p. 79).

Alguns argumentos materialistas infundados a respeito do que foi tratado, estão expostos abaixo com a já conhecida ironia de Flammarion ao final.

“— Todas as faculdades que denominamos atributos da alma não passam de funções da substância cerebral. Os pensamentos estão para o cérebro, mais ou menos como a bÍlis para o fÍgado e a urina para os rins.

— A secreção do fÍgado, dos rins — diz outro escritor que não ousa atingir inteiramente a mesma comparação — verifica-se à nossa revelia e produz uma matéria palpável, ao passo que a atividade cerebral não se pode verificar sem a consciência integral e esta não segrega substância, mas forças.

Que vem a ser segregar forças? Ficaríamos gratos a quem nô-lo explicasse. Porque não segregar horas ou quilômetros?” (p. 216).

A ironia ao final é pelo uso indiscriminado de termos e conceitos com sentidos diferentes ou adaptados pelos materialistas a seus interesses. Segregar forças é um ótimo exemplo que ele demonstra acima, pois é muito mais metafísico do que a idéia de Criador.

“— O pensamento é um dinamismo da matéria. Movimentos materiais, ligados nos nervos a correntes elétricas, são percebidos no cérebro como sensação e esta sensação é o conhecimento de si mesmo, é a consciência. A vontade é a expressão necessária de um estado do cérebro, produzida por influências exteriores. Não há livre arbÍtrio. (MoZeschott — “KreislaF des Lebens”, 2º, 156, 181.)” (p. 217).

Sem o livre arbÍtrio, de que vale o raciocÍnio? SerÍamos como animais, puramente instintivos, já que razão, emoção tudo influencia nas escolhas que fazemos. Léon Denis, um filósofo do

Espiritismo, trouxe algumas elucidações sobre livre-arbítrio em sua obra, editada pela FEB em 2005 (trechos do capítulo XXII - O Livre Arbítrio).

LÉON DENIS - O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR.

“O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão” (P. 478).

“Até agora, tanto sob o ponto de vista teológico como determinista, a questão [do livre-arbítrio] tinha ficado quase insolúvel. Nem doutro modo podia ser, pois que cada um daqueles sistemas partia do dado inexato de que o ser humano tem de percorrer uma única existência. A questão muda, porém, inteiramente de aspecto se se alargar o círculo da vida e se se considerar o problema à luz que projeta a doutrina dos renascimentos. Assim, cada ser conquista a própria liberdade no decurso da evolução que tem de perfazer” (p. 481).

"Sábios! Já Epicuro tinha dito que a natureza de uma pedra é cair, porque ela cai... mas isto não é mais ciência, é comédia. As galimatias que nos impingem como definição d'alma são uma pilhéria detestável. Adiante. Cada qual com o seu paladar.

Comparável a estas definições, só mesmo a proposição de Hégel sobre a identidade de corpo e espírito. Ei-la: “A matéria não é senão espírito; e o espírito não é senão matéria. Logo, são um e outra a mesma coisa!”

Este alto raciocínio, que o seu autor qualifica de irrefutável, lá está na sua Grande Lógica. Famosa lógica, a demonstrar que o puro materialismo está real e efetivamente puro de todo o espírito!

Como vêdes, caro leitor, não faltam definições. Somente estamos ainda a perguntar que é o que elas definem.

Mas valem, ainda assim, para nos provar que toda essa gente sabe tanto quanto nós da natureza da alma” (p. 218-219).

O labirinto de definições sem consciência alguma da utilização de conceitos grandiosos, acaba por formular hipóteses a esmo, subjetivas e, muitas vezes, absurdas, redundantes, até mais metafísicas do que a idéia divina em si.

“Assim, neste capítulo, acabámos de ver que, se de um lado a constituição física do cérebro está de harmonia com a alma e maravilhosamente apropriada para que essa alma receba, de modo integral, as impressões do mundo exterior, julgue-as e transmita as suas próprias determinações; por outro lado, a anatomia do cérebro desautoriza a concluir não passe a alma

de produto orgânico, ao passo que a Filosofia deslinda, na trama de incertezas e contradições do materialismo, a ação evidente do espírito sobre a matéria.

Vimos que a loucura não é afecção orgânica, porém psíquica, e que a alma tem o seu mundo de dores e de alegrias: *A determinação é patente*" (p. 219).

A determinação, no sentido de comando, mas também no sentido determinista, de ordem. A alma é quem comanda a matéria orgânica que a reveste momentaneamente, e não o inverso. A inexistência da alma seria incompatível com toda realidade e com todas as análises feitas até agora de acordo com o positivismo. Até aqui, provou-se a necessidade fisiológica de um comando coordenador e criador, que existe em cada individualidade, em cada consciência, independente de como o cérebro se encontre, perfeito ou com algum dano.

"Tudo comprimem, à força, para lhe extrair a essência, e quando chegam a capacitar-se de que a essência não corresponde ao que esperavam, declaram que — "a essência das coisas não existe em si mesma e não passa de relações, que acreditamos apreender nas transformações da matéria". Não há outra lei que a da nossa imaginação, nem mesmo forças, mas simplesmente propriedades da matéria, qualidades ocultas que, em lugar de nos fazer evoluir, recuam-nos a vinte séculos atrás, ao tempo de Aristoto.

Suas conclusões são meramente arbitrárias, nem a Química nem a Física as demonstram, qual dão a entender" (p. 221).

Os materialistas são tão engessados no conhecimento que criaram, que são deuses em si. O que leva Flammarion a encerrar o capítulo com mais uma ironia:

"Virtude, coragem, honra, afeto, sensibilidade, desejo, esperanças, discernimento, inteligência, genialidade, tudo combinações químicas! Saibamo-lo de uma vez por todas, a vida é tão somente isso.

Que o coração nos paralise, que nossa alma não se preocupe mais com os bens intelectuais, que o nosso olhar não mais se eleve aos céus. Para quê? A vida do espírito nada mais é que um fantasma...

Demo-nos por felizes, com o saber que não passamos de secreção impalpável e inconsistente de três ou quatro libras de medula branca ou cinzenta!..." (p. 223).

#####

II – A PERSONALIDADE HUMANA

"Sim. Poderíamos, invocando o testemunho dos corações que ainda pulsam, e das almas que ainda crêem, dispor em linha de batalha os argumentos ainda vivazes da Filosofia, da Psicologia e derribar o adversário, constringendo-o a confessar-se vencido. Todavia, como preferimos combater no mesmo terreno e com as mesmas armas, pretendendo refutá-los só em nome da Ciência de que se dizem intérpretes, apraz-nos permanecer no campo exclusivamente científico e desdenhar, qual o fazem eles, os silogismos da Psicologia" (p. 225).

A análise da personalidade humana se dará no terreno materialista-positivo (assim como foi até agora). No entanto, Flammarion recorre algumas vezes à metafísica e alguns estudos da alma, como forma de compor um raciocínio maior.

"Mas, apenas do ponto de vista da observação científica e deixando de lado os pendores do coração e os imperativos da consciência — que não deixam de algo ser na história da alma — dizemos que fatos há, nos domínios da observação pura, completamente inexplicáveis na hipótese materialista" (p. 225).

É deste ponto que o autor vai expor os principais posicionamentos materialistas contra a existência da alma.

"Para Broussais, como para Cabanis, Locke e Condillàc, o homem é, simplesmente, o conjunto de órgãos em função. O eu, a personalidade humana não é um ser suis generis, é um fato, é um resultado, é um produto imputável a tal ou qual disposição da matéria. Inteligência e sensibilidade são funções do aparelho nervoso, mais ou menos como a transformação dos alimentos em quilo e sangue é função do aparelho digestivo, ou respiratório. A existência da alma não é mais que uma hipótese que se não funda em observação qualquer, que nenhum raciocínio autoriza, por gratuita e até mesmo destituída de senso. Reconhecer no homem mais que um sistema orgânico, é cair nos absurdos da Ontologia" (p. 226).

"No parecer de Broussais com os seus colegas e discípulos, o eu é o cérebro, O pensamento, todos os fenômenos inteligentes, são excitações da matéria cerebral ou, para usar a mesma linguagem do Autor — condensações da mesma matéria (69). E, seja de que natureza for, toda a percepção mental está neste caso. Dor, alegria, saudade, julgamento, comparação, determinação, entusiasmo, desejo, tudo é condensação. Se houver fenômenos complexos nesse laboratório do pensamento, quais uma série de raciocínios sucessivos partidos de uma impressão inicial, mesmo do exterior e culminando em ato voluntário, serão ainda condensação de condensações. Estas são o próprio pensamento, que não passa de consequência, de resultante, condensação mesma das fibras do encéfalo..."

Meu Deus! Que bela coisa é a Ciência e como o Sr. Broussais possuía uma imaginação bem condensada!" (p. 227-228).

De forma que os pensamentos seriam a causa dos sentimentos, e toda a individualidade se encerraria no órgão cerebral, capaz de ser a individualidade em si. É uma proposição tão surreal, que leva Flammarion a uma série de derivações.

"Se a faculdade de pensar está ligada a uma simples molécula, a um átomo real, não tendes o direito de negar a imortalidade da alma, pois, neste caso a faculdade de pensar participaria do destino do átomo indestrutível. Seria preciso, pois, admitir que esse átomo se libertou, desde logo, do movimento, para ficar imóvel, talvez no fundo da glândula pineal. Admitindo-se, agora, seja cada molécula capaz de sentir em conformidade com a natureza das sensações, esse pretendo eu já não estará no singular, mas no plural, haverá tantos eus (!) quantas moléculas cerebrais. Os léxicos não conheciam esse vocábulo e, doravante, deverão perfilhá-lo" (p. 228-229).

Então podemos aqui, derivar que o cérebro é refém da química do pensamento, e que a combinação dos átomos 'geraria' pensamento na forma de substância orgânica (material mesmo).

Seria o mesmo que admitir que a molécula 'pensa'.

Se a molécula pensar, for viva, as individualidades seriam milhões, até bilhões em cada cérebro, transformando um indivíduo no conjunto de infinitos 'eu', e então todos seríamos como transtornados, com nossas milhares de individualidades brigando entre si.

"Assim, as mesmas contradições da natureza humana prestam-se, tanto quanto o foro íntimo, a afirmar a personalidade do nosso ser mental.

Se bem que a afirmação da personalidade do eu prova a existência da alma, não se infere daí que a constitua. Temos, para nós, que a alma é o ser pensante, ao passo que o eu é apenas uma concepção que dá para fenômenos internos o caráter de fato consciencial.

A alma poderia existir inconsciente da sua personalidade e, de fato, no mundo animado há um grande número de almas ainda nessa condição" (p. 230).

Para nós (espíritas) a alma é o ser pensante, origem da mente, cujo corpo apenas reflete ou traduz para matéria. A personalidade, individualidade, percepções, etc, tudo terá origem e causa no espírito, sendo apenas transmitido, assimilado pelo corpo material.

Sendo o espírito a causa, o corpo é que viabiliza a concretização das decisões, como uma complexa ferramenta.

O desenvolvimento da individualidade, do 'eu', é concomitante ao desenvolvimento da consciência. Por isso o autor apela ao foro íntimo de cada um. Quanto menor a participação dos instintos em nossas decisões, maior o desenvolvimento daquela consciência. Muitas vezes

podemos analisar a maturidade de alguém comparando pela média de sua idade física. Há pessoas mais maduras do que outras, mesmo com a mesma idade. Pode ser o significado de muitas variáveis, mas também pode ser uma evolução já trazida por aquela alma de muito tempo.

Os animais são 100% instinto, enquanto essa graduação varia no ser humano. O ser pleno subjugaria todos os instintos, deixaria as paixões (no sentido filosófico, ligado à radicalismo) de lado em prol de uma consciência moralizada.

"A pretexto de ciência positiva, imaginar-se-ão mil hipóteses mais difíceis do que os tão criticados mistérios das velhas religiões" (p. 231).

A verdade é que as respostas da ciência às questões da religião metafísica, são tão, ou mais subjetivas. De forma que de tanto tentarem ser racionais, tornam-se irracionais.

"Todavia, às definições supra assinaladas, juntou ele [Broussais] mais esta: "O eu é um fenómeno de inervação". Ainda hoje, ninguém conseguiu provar, nem explicar, como pode a consciência resultar de certas combinações operadas num maquinismo automático. Assim, a unidade da nossa força pensante não só protesta energicamente, como destrói, de um golpe, a hipótese da secreção cerebral. Oporemos, agora, à mesma hipótese um segundo fato, paralelo a este e de tanto valor que basta, por si só, para arrasar o colossal exército de argumentos já embotados na defesa da referida teoria" (p. 231).

Como visto anteriormente, os átomos são sempre substituídos por outros idênticos. Dessa forma, a substância cerebral seria mutável a todo instante, e podemos admitir algumas hipóteses para este caso:

- Mudaríamos o "eu" (personalidade) a cada renovação molecular;
- Todos teríamos a mesma personalidade e os mesmos pensamentos;
- A individualidade desapareceria.

No mundo real, nenhuma destas 3 situações se verifica. As "potências" individuais aí estão, e as personalidades muito diferentes umas das outras, apesar da química semelhante.

"E, nada obstante, a nossa personalidade racional subsiste. Todos temos a certeza de que, desde que nos entendemos por gente, não mudamos intrinsecamente, qual mudaram nossos cabelos, nossa pele, nossa fisionomia, nossa estatura" (p. 232).

A personalidade não se deteriora com o tempo, pelo contrário, a individualidade se acentua com ele.

"Trata-se, pois, de conciliar a identidade permanente de nossa personalidade com a mutabilidade incessante da matéria. Os senhores materialistas seriam de uma gentileza rara se consentissem em subir por

um instante ao palco, a fim de resolverem este pequenino problema" (p. 232).

"O que importa, a sério, é recordar esta verdade: — a matéria circula perpétuamente em todos os seres, e no ser humano, em particular, não permanece dois dias idêntica a si mesma" (p. 233).

"Contrariando as vossas pretensões, noto que meu ser pensante, minha pessoa, meu ego, é o mesmo de há cinco, dez, vinte, quarenta anos. E espero não negareis que vos lembrais de terdes sido criança, de haverdes brincado ao colo materno, freqüentado a escola e feito (lá isso não duvido) brilhantes estudos, para vos tomardes, com o tempo, furiosos paladinos do materialismo.

Sois bem vós que assim vivestes, não é verdade? Foi, certo, sobre o vosso espírito, e não sobre a vossa frente, que esses anos passaram. Se mudastes de opiniões, de idéias, de diretriz, em vossos estudos; se trocastes de país, de hábitos, de alimentos, nem por isso deixou de ser a vossa pessoa mesma que cresceu, viveu, envelheceu; e, se algum audacioso e legítimo partidário das vossas doutrinas, tendo-vos roubado, há dez anos, honra e fortuna, reaparecesse e dissesse que já. não sois o mesmo homem, que tendes mudado muitas vezes, que não vos conhece e que também ele mudou e, por isso, nada vos deve nem lhe cumpre reparar, certo estou de que não demoraríeis a demonstrar-lhe que não é assim que entendeis, na prática, as vossas teorias.

Com efeito, senhores, essas teorias não nos parecem nem mais nem menos que absurdas, diante do fato eloquente da identidade do espírito." (p. 235).

Não há um só argumento que resista até hoje (2013) a explicação de uma individualidade (alma) e um corpo como ferramenta. A ciência, refém da matéria, é a que tem caráter subjetivo quando prega que o átomo 'pensa'.

Analisando uma pedra. Será que ela pensa? Obvio que não. Mas se o átomo que constitui hoje o nosso cérebro constituiu uma pedra no passado, e esse átomo possui a propriedade de 'pensar' quando está em nosso corpo, como isso acontece?

Não é mais lógico, racional e simples entender que a matéria em si é apenas coordenada?

"Todavia, ainda por princípio de caridade, vamos prosseguir na luta e, para defesa geral da causa, acreditamos útil examinar as diversas explicações emitidas a respeito, a fim de que saibam nenhuma haver satisfatória, ficando assim de todo insolúvel a hipótese materialista" (p. 237).

As explicações materialistas que restam são:

- As moléculas do corpo funcionam em mecanismo perfeito. Uma cicatriz, por exemplo, resista à renovação celular. Da mesma forma, funciona a fisionomia, e toda a individualidade.

- A ciência ainda não pode provar que os traços são apenas consequência dos processos físicos. Ainda que pudesse, qual o mecanismo que, justamente, mantém o corpo sempre o mesmo? O poderoso 'acaso' ou uma 'lei desconhecida'?

É mais simples entender que há uma alma, a cuja matéria serve de molde.

- Que os átomos, ao substituírem uns aos outros, seguem um turbilhão, espécie de correnteza que 'carrega' e posiciona os átomos em local correto.
- Processo que não explica a identidade, e dá propriedade inteligente à matéria. Além do mais, que turbilhão é esse que o acaso faz quando acha propício? Não há forma alguma de a matéria desenvolver personalidade e inteligência.

É mais simples entender que há uma alma, a cuja matéria serve de molde.

- O cérebro muda pouco a pouco e nele reside uma exceção à regra, não sujeito a renovação atômica.

- Não existe exceção na Natureza. Nunca há, e no ser humano, não seria diferente.

Por todas as hipóteses materialistas, vemos o gênio como uma alteração da matéria (ou até evolução desta) e a personalidade continuada pela Natureza. Isso é extremamente favorável quando pensamos em cientistas, homens adulados pela sociedade da época.

Mas e o viciado em drogas ou álcool?

Se a personalidade resulta da natureza, os vícios de toda espécie, que destroem o organismo, sua organização biológica, logo a própria individualidade, não estariam atacando o próprio instinto básico de sobrevivência? Um absurdo de hipótese que se posiciona contra o livre-arbítrio, e atribui à Natureza nossas imperfeições.

"Assim, queiram ou não, a identidade permanente do ser mental é fato inconciliável com a mutabilidade incessante do órgão cerebral, no caso em que se conceitue o nosso ser mental como atributo orgânico.

Singular audácia de sonhadores, o virem negar, à face da consciência individual e universal, o grande fato da existência pessoal da alma! Não sabemos todos, à saciedade, que o nosso eu e os nossos órgãos são radicalmente distintos? que a nossa pessoa se reconhece e afirma independente em si e de si mesma? que nós não somos os nossos órgãos, mas que eles são nossos, o que é bem diferente? Negar tal coisa, vale por negar a luz meridiana. Pôr assim em dúvida a primeira afirmação de consciência, pretender que estejamos iludidos e que, ao invés de uma existência pessoal, da posse dos nossos órgãos, são estes que nos possuem, é pôr em dúvida ao mesmo tempo o princípio de toda e qualquer certeza, é reduzir a fumo o secular edifício dos conhecimentos humanos.

Negado esse primeiro fato de consciência, nada mais resta à Humanidade" (p. 239).

"O homem, dizem os filósofos, aborda diretamente os fenômenos e apreende-os, seja pelos sentidos, seja pela consciência; estuda-os, descreve-os, compara-os. Entretanto, sob o fenômeno há o ser que persiste enquanto ele — o fenômeno muda ou passa. Independentemente dos atributos, das modificações, há a substância que suporta os atributos e sofre as modificações. Às qualidades e aparências é necessário um objeto de inerência, um suporte, ou o que melhor nome tenha. Enquanto as ciências naturais descrevem os fenômenos sensíveis e a Psicologia descreve os fenômenos conscientes, a Ontologia³ sonda a legitimidade do processo pelo qual passamos do fenômeno ao ser" (p. 240).

Ainda como matérias separadas, a psicologia ainda engatinhava, enquanto a ontologia já era uma forma de pensamento filosófica discutida há muito tempo. Ambas, em comum, possuem características abstratas como forma de estudo e entendimento. Os que se emaranhavam na psicologia nascente, conseguiram produzir uma ciência à parte, diferente da positiva pura, pois desafiava pressupostos cartesianos para sua constituição. A psicologia derrubou as barreiras do materialismo científico e buscou respostas no "eu" para melhor entendimento da personalidade. Mas este não é o objetivo fundamental de Flammarion neste trecho, mas logo abaixo, a alma volta a ser tema.

"Na alma humana, como em toda a Natureza, encontramos em coexistência a força e a extensão. Os fatos de molde a revelar uma atividade própria, no ser pensante, são visíveis a cada passo, na marcha de nossos estudos.

Com efeito, a primeira condição do aprendizado é, para o nosso espírito, um esforço espontâneo para neutralizar as causas tendentes a nos manter na inércia e na ignorância, tais como os imperativos da vida social, as necessidades do corpo, as paixões, a falta de aptidões, as dificuldades próprias do estudo.

Esse esforço preliminar não cessa com o início do estudo, mas, ao contrário, mantém-se e avulta no período das aquisições" (p.241).

Há uma luta contida intrinsecamente na personalidade humana, uma luta geral para o progresso, devido a uma tendência (generalizando) quase comum de nos estagnar. Observamos, por exemplo, o clima. Reclamamos do calor, como também reclamamos do frio ou da chuva; quando o tempo está morno, reclamamos que fica abafado; o que agrada de fato, é ficarmos confortáveis, pois isso dispensa o uso de qualquer forma de energia.

A tecnologia corrobora isso, não em si mesma, mas do uso humano sobre a mesma. Deixamos de praticar atividades cotidianas, pois podemos atingir o mesmo resultado através da

³ Ontologia → "é a parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos entes. A ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres" (Wikipedia).

informática. Muitos ficam parados, e a energia parece que se evapora. A estagnação traz a irmã, a preguiça, que nos torna reféns do pensamento viciado. A estagnação dispensa a energia e a minúcia na investigação.

Naquela época, onde a tecnologia era incomparavelmente inferior, o autor já identificava que:

"Mais ainda: essa mesma energia, indispensável ao espírito para adquirir o saber, torna-se-lhe necessária para conservá-lo. O melhor meio de reter na memória a Ciência está no concentrar-se demoradamente em cada idéia ou fato, em dar conta minudente dos processos de pesquisa utilizados pelos inventores, em lhes apreender o método e fixar, de qualquer modo, o estudo no cérebro. Estes fatos atestam que o ser pensante, no adquirir conhecimentos, os assimila mediante um trabalho que lhe é próprio, comportando-se com força individual. Agora, o modo fundamental de ação da causa inteligente prova, peremptoriamente, que essa força é individual e não um conjunto de forças distintas.

Todas as operações da inteligência humana são análises sintéticas, ou sínteses analíticas, isto é: consistem essencialmente na decomposição de um dado todo, ou na coordenação de elementos distintos, em que cada qual intervém com a sua cota e toma o seu lugar lógico. — Qualquer que seja a ciência focalizada, nela se afirma a lei do espírito humano, sem a qual não haveria qualquer relação entre os diversos objetos do nosso conhecimento, nem a própria Ciência existiria" (p. 242).

A vontade é a força, a potência, capaz de quebrar as amarras da preguiça e ociosidade. É o fruto colhido pelos gênios que se esforçaram de forma sublime na conquista de seus objetivos (será analisado mais profundamente no próximo capítulo).

A unicidade exposta até agora entre personalidade, mente, progresso, é mantida de forma independente, mesmo com a constante permuta de átomos com a Natureza. O que nos permite inferir que todos esses elementos expostos relacionados à personalidade, vontade, e demais potências da alma, independem da matéria para existirem.

"Mas, este singular acordo de todas essas pequeninas almas, para formarem uma grande alma, é hipótese mais complicada, e, por consequência, mais afastada que a nossa, da verdade natural. Ao invés de estabelecer a unidade da alma, ela a destrói. Localizando as faculdades nos diversos órgãos do cérebro, Gall declarava que todas elas são dotadas da faculdade de percepção, de atenção, de memória, de recordação, de julgamento e de imaginação! Que bela república! Quando uma que tal faculdade sobrepuzar as vizinhas (o que a observação demonstra em cada indivíduo), estas suportarão submissas o seu despotismo? Quando duas faculdades se desentenderem, por exemplo a de n. 5 (pendor para a morte) e a de n. 24 (benevolência), quem dominará o antagonismo? Há que imaginar logo um generalíssimo e, neste caso, oficiais e soldados tornam-se inúteis e o nosso general ficará sendo, simplesmente ele, o próprio espírito,

pois, como acabámos de ver, dado o modo de ação intelectual da alma, bem como o testemunho da consciência, essa alma é única, idêntica e indivisível" (p. 243).

Como visto, a derivação das próprias hipóteses materialistas conduzem ao entendimento da ALMA como explicação fundamental e causal de tudo, positivamente científica.

"É fácil reconhecer o caráter dinâmico da alma em todas as suas manifestações. Se observarmos um espírito culto, o que logo se revela nele é uma sede insaciável de conhecimentos, é a força virtual da alma a traduzir-se em obras eloquentes.

Se baixarmos às camadas inferiores da sociedade, a essas zonas penumbrosas onde a flama da instrução ainda não radia, vemos, não mais uma atividade em função intelectual, mas passional, um modo de atividade psicológica universal" (p. 244).

E a lei da Atração, simpatia, empatia, acaba por agrupar aqueles de interesse similar e vibrações afins. A potência, o livre-arbítrio, reside para alterar tudo conforme a vontade comande. O gênio pode se viciar em algum tóxico e aniquilar seu corpo, já um outro ser, entregue aos prazeres da vida social, pode se instruir e, por sua vontade, mudar sua conduta de forma benéfica.

"O pensamento é ação da alma: será preciso mais para sustentar que a alma é força?" (p. 244).

Frase que veio apenas corroborar a idéia de que o cérebro é apenas órgão transmissor ao corpo do que o espírito deseja.

Conduzindo à conclusão do capítulo, o autor formula a resposta final. Para todos que subjugam a individualidade à matéria:

"Todas as vossas pretensões se evaporam, o desprezadores da Inteligência! A Humanidade em peso vos impõe este vocábulo imperecível — Alma. E cada ser pensante afirma, em particular, o Eu que rege, que centraliza sua própria vida. Em vão procurais ligar essa personalidade a um movimento material da medula espinal! A isso oponho eu, vitoriosamente, a minha potência intelectual, que diz: eu penso, eu julgo, eu quero; essa potência inatacável, que considera o visível como o invisível, o material como o imaterial, o presente, o passado, o futuro; que não pode filiar-se à matéria, de vez que sua vida e atos se completam no mundo moral.

Oponho-vos, enfim, meu pensamento, que a vós se dirige fremente pelo vosso atentado, e que, por esta mesma palavra, através destas linhas, atesta-vos a minha existência individual, quanto afirma a minha personalidade.

Pretendereis que este protesto possa provir de um lóbulo do meu cérebro?

Não, meus senhores, parai com o gracejo; eu sei (e vós também) que quem aqui vos fala é o meu es e não um nervo ou uma fibra..." (p. 245-246).

E culmina na citação final:

"Portanto, voltando às conclusões precedentes temos: contradição da unidade psíquica com a multiplicidade dos movimentos cerebrais, contradição entre a identidade constante da alma e a mutabilidade incessante dos elementos constitutivos do cérebro, contradição entre o caráter dinâmico da alma e as pretensas secreções orgânicas. Contradições, contradições e sempre contradições!

Se os adversários acham que elas não bastam, o exame dos fatos de volição⁴ lhes vai facultar um novo discernimento" (p. 247).

#####

III – A VONTADE DO HOMEM

Neste capítulo a argumentação trabalha as teorias e métodos científicos que tratam sobre a matéria, como se ela governasse o homem e a forma com que a alimentação atua, corroboraria essa tese.

"O quadro deste capítulo vai oferecer-nos, por sua própria natureza, um duplo aspecto. No verso, desenhado pela Fisiologia contemporânea, notaremos a ação física dos alimentos no organismo, e no reverso veremos que a mesma está longe de constituir o homem integral, e que o ser humano reside numa potência superior às transformações da bilis e do quilo, potência que governa a matéria e longe está de se lhe escravizar" (p. 249).

Então Flammarion passa a citar os diversos tipos de dieta alimentar dos povos diversos, o processamento fisiológico diferente que acontece numa alimentação baseada em carnes e/ou vegetais, além de aspectos que influenciam o corpo propriamente dito. Sua conclusão é a de que não como relacionar a dieta alimentar com a formação / construção de uma personalidade humana sem incorrer em leviandade.

Após algumas outras análises de argumentos naturalistas que insistiam no governo da matéria sobre o homem, chega-se na problemática do livre-arbítrio. Por submeter o homem à matéria, a aniquilação do livre-arbítrio é uma das consequências mais diretas.

⁴ Volição é tradicionalmente usado para substituir o termo "Força de Vontade", o que melhor se aplica a este estudo. Volição também foi um termo utilizado nos fenômenos de levitação mediúcnica.

Há uma causalidade lógica, se a alimentação muda a personalidade, uma mudança de dietas mudaria o comportamento (através da personalidade), ou seja, bastaria uma alteração na alimentação e a química corporal seria suficientemente modificada para que houvesse transformações comportamentais significativas.

"Alimentação. nascimento, educação, convivência, tudo, em torno de nós, rola num movimento que se comunica constantemente.

— Proposições verdadeiras, estas, provam que o homem está envolvido no âmage de um mundo a cujas influências não pode eximir-se, e provam também; quem sabe, que o livre arbítrio não é tão absoluto quanto afirmam alguns psicólogos entusiastas. Mas, o que essas verdades não provam, é a inexistência da vontade humana" (p. 254).

Todos os elementos, educação, alimentação, ambiente físico-químico, e demais fatores, influenciam sim o indivíduo, mas na sua forma de pensar e ver o mundo. No entanto, a personalidade em si, individual, já é preexistente, por isso torna o homem senhor de suas escolhas, e refém das consequências. No entanto, claro que as influencias do ambiente podem impactar as escolhas, mas nunca ser **causa** destas.

Um exemplo simples é de gêmeos idênticos, que recebem o mesmo tratamento, alimentação, criação, etc e possuem personalidades distintas.

"Büchner é menos exagerado. Dizemos com ele, que o homem é obra da Natureza que a sua pessoa, ações, pensamento e mesmo vontade, estão submetidos as leis que regem o Universo. As ações e a conduta do indivíduo dependem, incontestavelmente, da sua educação do caráter, dos costumes, da índole do povo e da nação a que pertence e esta nação e, por sua vez, e de certo modo, o produto do ambiente em que vive e das relações exteriores que lhe entretiveram o desenvolvimento" (p. 255).

"Todas estas observações não provam, porém, que a matéria governe o homem e que a vontade e a individualidade sejam uma ilusão. Cumpre, mesmo, advertir ao autor de Força e Matéria, que, antes são os indivíduos que fazem as nações e não estas os indivíduos. Qual o dizia Stuart Mill, o mérito de um Estado está, em tese, no dos indivíduos que o compõem. Não são as instituições, nem as leis, nem os governos que fazem a grandeza das nações, mas o valor e a conduta dos cidadãos. É, pois, da individualidade dos homens que depende o progresso dos povos, e não de suas condições gerais. Em vão se dirá que esta individualidade mais não é que o resultado preciso das disposições do corpo: — educação, instrução, exemplo, fortuna, posição social, sexo, nacionalidade, clima, solo, época, etc. No ser humano existe uma força transcendente a tudo isso, uma força que os negativistas não querem ver e procuram ocultar no nevoeiro de sua paralogia. Assim como a planta — dizem eles — depende do terreno em que radica, não somente em relação à sua existência, mas ainda ao seu tamanho, forma e beleza; assim também o animal é grande ou pequeno, manso ou bravo,

bonito ou feio, conforme as influências extrínsecas, assim também o homem físico e intelectual é o fruto dos mesmos fatores, dos mesmos acidentes e disposições, e nunca o ser espiritual, independente e livre, que os moralistas nos pintam... Esses senhores protestam quando lhes chamamos espirituais, e nós persistimos na amabilidade Mas, sem constituir uma exceção a seu favor, temos o direito de Sustentar a espiritualidade humana e apagar, com O exemplo de grandes Vontades, essa teoria crepuscular, que conceitua as resoluções do homem uma função barométrica" (p. 256-257)

Além do que já foi dito as idéias da época, colocavam o homem como refém da matéria em sentido amplo, retirando todos os méritos das conquistas intelectuais e morais, retirando toda a dignidade da boa conduta, e eximindo a responsabilidade que carregariam. Hitler e Stálin foram reféns da matéria?

É um entendimento perigoso quando não adota a possibilidade de **livre-arbítrio**.

"logo nos convenceremos de que o gênio não é simplesmente resultante de condições materiais e muito menos de uma enfermidade nervosa, senão que se afirma por uma força superior a todas as contingências e que muitas vezes o tem dominado guiado e vencido. Longe de encarar o homem como um ser inerte, cujas obras não passassem de efeitos instintivos, de hábitos, necessidades apetites e predisposições orgânicas, nós proclamamos, com a autoridade dos fatos, que a inteligência governa a matéria, e que o valor do homem consiste, precisamente, nessa elevação, nessa soberania da inteligência" (p.257-258).

Flammarion cita, então, exemplos de grandes gênios que superaram as dificuldades impostas pela vida em prol de uma realização maior. Gênios que variavam de classe social, origem, educação, alimentação e clima. No entanto, apesar de nada possuir em comum entre si, revolucionaram a humanidade de diversas formas e em diversas áreas (Copérnico, Kepler, Galileu, Newton, Faraday, Diderot, etc).

"Não é senão pelo exercício autônomo de suas faculdades que uma criatura pode adquirir o saber e a experiência que, reunidos, produzem a sabedoria. E, qual dizia Franklin é tão pueril esperar a posse destes bens sem esforço e sem trabalho, quanto o seria contar com uma colheita em terreno sem lavoura nem sementeira.

Dois irmãos, provindos do mesmo Casal, podem receber a mesma educação, ter a mesma liberdade de ação, viverem juntos, nutrirem-se do mesmo ar e dos mesmos alimentos e nada impedirá que um se torne ilustre e outro fique na mediocridade" (p. 261).

"A química alimentar nada tem que ver com a produção intelectual" (p. 262).

"Longe de ser um mal a pobreza, quando provida de energia e iniciativa pessoal, pode transformar-se em benefício, de vez que faz sentir ao homem

a necessidade de lutar com o mundo, onde, a despeito dos que compram o bem star a preços degradantes, também há confiança, justiça e triunfo para os valorosos e honestos. A fortuna há mesmo, muitas vezes, prejudicado os seus privilegiados. Em compensação, encontramos exemplos favoráveis à nossa tese, entre aqueles que, inspirados pela fé ou ciosos da felicidade do seu próximo renunciaram, voluntariamente, aos gozos mundanos, aos poderes e honras da Terra, descendo de sua posição culminante para dedicar-se à beneficência e instrução das massas" (p. 262).

Como ensinou o Livro dos Espíritos, Jesus Cristo, e toda caridade. O mesmo ensinou todas as outras religiões, e é só notar como se assemelham neste sentido.

"Preferimos sentimentos que tais à química da inteligência. Estendemo-nos confiadamente nestes exemplos porque, acima de tudo, dão testemunho do verdadeiro caráter do homem Superior e da absurdidade dos materialistas que ousam reduzir esse caráter a simples função da matéria, a uma disposição natural do cérebro" (p. 263).

Alguns gênios da humanidade lutaram contra a pobreza, mas também contra os desvios morais da riqueza, contra enfermidades e limitações físicas e diversos outros obstáculos que demonstram a presença de forças (potências) superiores à matéria. Especialmente a vontade.

E então o autor cita grandes exemplos dos que se sacrificaram ou sacrificaram muito em prol do progresso da humanidade, até concluir que:

"São vultos que nos mostram que o homem não é somente um composto de matéria orgânica e que a energia, a perseverança, a coragem, a virtude, a fé, não são atributos da composição químico-cerebral" (p. 269).

Ou seja, imprimem valores muito além do cálculo simples da relação custo x benefício.

Há ainda aqueles que entendem os gênios como um 'ponto fora da curva', algo que não pode ser exemplo por fugir de uma regra geral de acomodação e racionalidade na matéria. A estes, Flammarion responde:

"Não; não é somente nas altas esferas que o observador admira esses edificantes exemplos. Em todas às camadas sociais, do prócer da Ciência ao rústico analfabeto, do trono ao grabato, a vida cotidiana oferece, no santuário da família, esses mesmos padrões de coragem e abnegação, de paciência e grandeza dalma, de energia e virtude, que, por desconhecidos, não são menos meritórios no seu valor intrínseco, do que os precedentes.

Quantas almas padecem em segredo sem revelar os seus martírios, curvadas à injustiça, vítimas do destino, dessa fatalidade impenetrável que persegue tantas criaturas boas e justas?

Quantos corações magnânimos palpitam em silêncio e abafam chamas capazes de incendiar o verbo e levantar multidões, se, ao invés de definhar

na sombra, se espantassem ao sol da popularidade? Quantos gênios ignorados por aí dormitam num isolamento Infecundo? Quantas almas santas e puras, a consagrarem-se a uma vida inteira de abnegação, de amor, de caridade? E quantos, em recompensa de tamanhas virtudes, de tanta paciência é humildade, não recebem mais que ingratidão e desprezo daqueles mesmos a quem amam?" (p. 270).

O último argumento materialista é o de que há uma inclinação daqueles cérebros para que cometam atos ou tomem decisões consideradas diferentes. Tudo seria, novamente, produto da poderosa química material, ou do inevitável acaso. E o autor então precisa se valer da ironia para tentar demonstrar o absurdo envolvido neste raciocínio, desumaniza a humanidade.

"Resumindo: os atos mais sublimados de virtude, de piedade filial, devotamento, amor, grandeza dalma, são oriundos de disposições orgânicas, ou de qualquer súbito desvio das funções normais do cérebro. Se o Cristo subiu ao Calvário, não se considere isso o sacrifício extraordinário de um ser divino, mas simples movimento revolucionário de algumas moléculas imprudentes. É a escórias míseras, assim, que reduzem as mais ricas gemas da coroa que cinge a fronte da Humanidade" (p. 271).

Em complemento, esta hipótese elimina todo o mérito relacionado a moral, valores, escolhas e demais variáveis, enfim, ela descaracteriza todo o esforço da humanidade na construção histórica, desde a sua formação, marcada por gênios e inventos muito além do senso comum, mas também por conquistas internas muito mais importantes do que qualquer cientificismo. Esse tipo de posicionamento premeditou os robôs, e impediria qualquer mudança real no ser humano, uma vez que deveria se ter alguma 'predisposição' a tal coisa para que se concretizasse.

É a hipótese que favorece a estagnação e o conformismo. Imagine se todo cientista que não possuísse a predisposição de Newton para a ciência desistisse de continuar...

"Toda a Humanidade protesta contra estas fúteis alegações e o faz não já com aquele critério baseado no testemunho dos sentidos, suscetível de enganar-se, como se dá, por exemplo, com o movimento dos astros, mas, com aquele senso íntimo que lhe vem da própria consciência" (p. 272).

Muitos anos depois, já no século XX, através de obras Espíritas, especialmente as ditadas pelo Espírito André Luiz, tivemos uma melhor explicação do poder que a consciência exerce sobre o espírito e, por consequência, na matéria. Mas um embrião para consciência é a esperança.

"No caráter humano a energia é, realmente, o poder central, o eixo da roda, o centro de gravidade. Só ela dá impulsão aos atos.

Essa força mental é a base mesma e a condição de toda a esperança legítima, e se é verdade que a esperança é o perfume da vida, o poder mental há de ser a raiz dessa planta preciosa" (p. 273).

A esperança desempenha um papel fundamental na vida cotidiana das pessoas. Ela é o embrião que surge para impulsionar a vontade e concretizar mudanças, expandir a consciência e progredir.

"Ao demais, tão forte e autônoma é a vontade, as influências ambientes tão precárias se afirmam, para explicar a marcha da vida intelectual, que, as mais das vezes, não na embaraçam e, ao contrário, nos induzem a proceder com energia tanto maior, quanto mais prementes são os obstáculos que se nos deparam" (p. 274).

"O trabalho pessoal da vontade é a condição sine qua non do nosso progresso" (p. 275).

A vontade é uma das maiores potências da alma, nosso maior motor para o progresso, e de fundamental importância para todos os que almejam algum progresso. Um dos trabalhos mais completos a este respeito podem ser encontrados na obra de **Léon Denis "O Problema do Ser, do Destino e da Dor"**, na terceira parte do livro, chamada 'As Potências da Alma'. O capítulo XX é dedicado unicamente ao tema da Vontade e sua importância. Denis informa que:

"A vontade é a maior de todas as potências; é, em sua ação, comparável ao ímã. A vontade de viver, de desenvolver em nós a vida, atrai-nos novos recursos vitais; tal é o segredo da lei de evolução" (p. 435).

"O princípio de evolução não está na matéria, está na vontade, cuja ação tanto se estende à ordem invisível das coisas como à ordem visível e material. Esta é simplesmente a consequência daquela" (p. 436).⁵

Mas tudo o que foi discutido até agora, inclusive a esperança e a vontade para mudanças, significa ter a liberdade de atuar através delas. Sobre a liberdade, uma das posições mais influentes dos materialistas é:

"a liberdade não é mais que a necessidade encerrada dentro de nós. Não há diferença entre o homem que se atira voluntariamente e o que é atirado de uma sacada abaixo, senão que ao primeiro a impulsão lhe vem de dentro, e ao segundo chega de fora do seu maquinismo" (p. 279).

E então, sem a liberdade, não existem escolhas (livre-arbítrio) e nem uma moral, pois nada seria opcional. Mais uma hipótese que rebaixa o ser humano a um juguete da química e das mecânicas naturais.

Para Flammarion, a liberdade é concebida em 3 partes:

- a) Que possa haver opções de escolha (e que a escolha não seja feita por impulso e/ou instinto);
- b) A inteligência é a condição primordial para escolha livre;
- c) Volição (força de vontade).

⁵ Retirado da Edição 1ª Edição da FEB (2009a).

A vontade conforme já vimos, é uma das maiores potências que temos a nosso serviço. Este poder de escolha, aliado à inteligência e vontade, demonstra a real liberdade.

"Eis, verdadeiramente, o homem: sua grandeza está na sua liberdade. Não fora livre o homem, não se lhe permitiria ter fome e sede, nem comer nem beber; nem senhorear, em coisa alguma, as tendências do seu corpo. A ordem social não se teria constituído. Mas nós não temos necessidade de prova alguma exterior para afirmar a nossa liberdade. Ninguém melhor o sabe do que a nossa própria consciência. Ela é, aliás, a única coisa que possuímos completamente nossa, e a boa ou má direção que lhe damos, em definitivo, só depende de nós. Nossos hábitos e pendores não são nossos amos, mas servos. Mesmo quando com eles transigimos, a consciência adverte-nos de que poderíamos resistir e que, para vencê-los, não careceríamos de fortaleza superior às nossas possibilidades, se fizéssemos finca-pé. É pelo emprego livre da razão que nos fazemos o que somos" (p. 284).

Sem o livre-arbítrio, já dito anteriormente, não haveria valor moral algum nas escolhas, nem as próprias "escolhas" em si, nem liberdade. Logo, não haveria bem ou mal, apenas uma sucessão de fatalismos.

"Ele, o materialismo, não percebe que se a personalidade humana fôsse resultado de influências fatalísticas da Natureza, a criança e o selvagem, sob o governo quase exclusivo dessas forças, seriam mais sensatos, mais íntegros que o sábio, o filósofo, o artista. Uma tal consequência destrói, por si só, a teoria dos nossos adversários" (p. 284).

Se assim fosse, a própria evolução darwiniana seria um erro ou a constatação de fatalidades naturais. Não haveria evolução prática pois o princípio da busca, da vontade estaria perdido. Como explicar que povos muito distantes no passado dispunham de tecnologias semelhantes sem o mínimo contato? Fatalismo e acaso são criações do orgulho humano para 'explicar' o que não podem compreender.

"Se, qual temos visto, a Ciência do mundo físico perde, na hipótese da inexistência de Deus, a sua base e a sua luz, para resvalar na incapacidade absoluta de explicar razoavelmente a construção do Universo, a ciência do mundo intelectual perde, maiormente, a sua razão de ser. Esvanecem-se o verdadeiro, o belo, o bem. Em que báratros tenebrosos mergulham, então, os velhos princípios da Filosofia, da Estética, da Moral?"

A meditação das eternas verdades já não passará de um sonho" (p. 287).

A ausência de leis, de liberdade de escolha, de bem e mal, vai gerar o vazio e a depressão de não ter para onde progredir. É uma cadeia, um ciclo material que redundava no niilismo (nada). Esse vazio faz-se presente no século XXI, onde vemos grandes inteligências com uma moral dispersa e diversa, caminhando para caminhos tortos, utilizando negativamente grandes invenções positivas.

Por diversas vezes Flammarion apena à 'consciência'. Isso ocorre porque o íntimo pertence a cada ser, as impressões, a consciência, os questionamentos, as correções, tudo se revela no íntimo. É como o despertar de cada um para as questões aqui colocadas.

Já essa sensibilidade está diretamente ligada às impressões íntimas. Por exemplo, há muitas formas de entender uma obra de arte, até as diferentes do que o autor pretendia. Não há certo e errado no que tange à sensibilidade individual, por isso a conduta moral precisa ser trabalhada.

Já que nos referimos a arte, o que o autor exprime em suas obras, é fruto de uma reação química? Não há vontade ou sensibilidade? Por isso o autor cita:

"Pois bem: logicamente, sem contradizer-se a si mesmo, não pode o ateísmo constituir-se em moral. "O materialismo — diz judiciosamente Patrício Larroque — para mais nada presta, senão para tirar à vida humana a sua gravidade e o seu valor, dando razão aos seres miseráveis, cuja habilidade consiste em explicar, com a maior segurança possível, as misérias e fraquezas do próximo" (p. 288).

Também é preciso pontuar que, muitos que não abraçam uma moral religiosa, como os ateus, praticam suas boas atitudes. A Doutrina Espírita e as demais religiões sempre buscam primeiro a atitude no bem. Tanto faz a denominação, desde que a atitude seja correta. Deus nunca diferenciaria preferências por credo, mas tudo o que será julgado será baseado em nossos pensamentos, atitudes, ações de fato.

"Conhecemos homens e mulheres cuja vida pode apontar-se como modelo de moralidade, embora não crendo na existência de Deus e da alma. Não, não podemos deixar de confessar que, no seu próprio sistema, essa honestidade é apenas uma questão de temperamento e que, justos e bons, conscienciosos e benevolentes, afetuosos e moralizados, em suma, se praticam a caridade, se não sacrificam ao bezerro de ouro, se preferem a Integridade e a pureza de caráter à fortuna ilícita, não é devido ao seu sistema e sim a uma convicção íntima, que os guia a seu talante e protesta contra as suas palavras e a sua filosofia. Sim: não são moralizados por serem cépticos, mas, a despeito de o serem" (p. 289).

Este é um ponto fundamental. Sem crer em Deus, nas leis futuras do *pós-morte* e nos dogmas religiosos diversos, são seres que **escolheram** praticar o bem sem considerar recompensas futuras, já que creem na morte do corpo como o final de tudo. Seriam essas pessoas um erro da Natureza? Seriam frutos do poderoso acaso? Flammarion então cita:

"Certo, não duvidamos possa haver uma moral independente do Catolicismo, mesmo do Cristianismo e, em geral, de qualquer confissão religiosa. O que não cremos é na moral independente da idéia de Deus. Se só existissem as verdades de ordem física, se místicas fôsem as que havemos como de ordem moral, a própria moral não passaria de utopia, e a honestidade de mera tolice" (p. 289).

Essa é uma citação que desperta alguma curiosidade. Parece até um pouco rude. Na atualidade existem sim pessoas que fazem o bem apenas pela sensação que causa, apenas pelo fato de ajudar a um próximo. Nem todos fazem um cálculo de racionalidade antes de praticar uma ação, e isso vale para o bem ou para o mal.

O autor refere-se justamente a este cálculo aqui. Realmente, se só a inteligência e materialidade existissem, moral honestidade e bondade seriam tolices.

"Se afaçais o nobre intuito de colaborar para a melhoria humana, não é, precisamente, a graduação do nível moral e intelectual do indivíduo o que vos deve preocupar, e sim de como vive e como se alimenta" (p. 292).

Uma ironia bem simples, se todos quiséssemos ser gênios, deveríamos seguir a dieta de Newton e viver em clima semelhante.

"Entendam-nos bem e não venham interpretar infielmente as nossas alegações. Nós não dizemos que a matéria seja destituída de toda e qualquer influência sobre o espírito; não dizemos que a alma humana seja completamente independente do organismo e nem mesmo estamos com Platão, a pretender que o espírito é estranho ao corpo e que há antipatia entre eles" (p. 296).

E a verdade contida nessas palavras pode ser observada na forma com que os eventos matérias da Natureza impressionam nossos sentidos. O por do sol e seu nascer é um exemplo, outro é a forma com que representamos estes itens em nossas artes.

"Abstraindo de todas as provas precedentemente acumuladas, a testificação da nossa liberdade viria, enfim, depor a favor da força pensante que nos anima. — O panteísmo, fazendo da alma uma partícula da substância divina, a escraviza e arrasta, inevitavelmente, ao fatalismo absoluto. — O ateísmo, negando a existência do espírito, faz da alma a escrava da matéria e conduz, por outra via, ao mesmo fatalismo. Poderíamos, portanto, proceder por eliminação, e demonstrando a inanidade dessas doutrinas, forçar o acolhimento da nossa, como a única que concilia os diversos imperativos de nossa consciência. Assim, permitiu a sorte fôsem os adversários batidos em todos os quadrantes, e que a negação da personalidade ficasse presa ao pelourinho por todos os elementos de nossa convicção.

Concluindo o arrazoado sobre a existência da alma, afirmamos: a dignidade humana não permite um semelhante atentado ao que constitui o seu supremo fanal, antes protesta contra essas tendências exageradas. As influências exageradas atuam mais ou menos em nós, conforme a nossa sensibilidade nervosa; mas, tanto quanto a composição química do cérebro, elas não constituem o nosso valor moral e intelectual. Para arrasar essa hipótese, bem como a precedente, basta considerar a potencialidade da nossa força mental. Só com ela podemos afrontar todas essas influências e

seguir desdenhosos, de frente erguida, por entre essas ações e reações ambientes.

Quando a alma se acabrunha ao peso de uma dor profunda, pouco nos preocupamos com o estado do céu, que chova ou vente" (p. 298).

Nessa última citação do capítulo, temos apenas o resumo e demonstração de que:

- Há livre-arbítrio;
- Vontade e Inteligência são potências da alma;
- Íntimo e consciência revelam a alma;

Todos os desdobramos já foram explicitados anteriormente.

Os problemas da "metafísica" da alma são aqueles que realmente nos atingem, e as alegrias neste nível, são muito maiores e duradouras.

#####

TOMO IV

DESTINO DOS SERES E DAS COISAS

I – PLANO DA NATUREZA – CONSTRUÇÃO DOS SERES VIVOS

Flammarion inicia o capítulo exaltando a natureza e citando quão pequena é a Terra perante o Universo conhecido, para logo colocar as citações que diferem do ponto de vista adotado.

Argumento teológico:

"— Pregais idéias desastrosas, quando dizeis que a Terra não é privilegiada, nem pode ser superior aos astros; pois a verdade é que ela forneceu o corpo divino de Jesus-Cristo e o da Santa Virgem, e só isso basta para graduá-la acima de todos os astros, autorizando-nos a afirmar que todos os astros foram feitos para ela". (p.302)

Este é um argumento muito ingênuo, que despreza o tempo e subordina a Natureza ao homem. Como pode-se entender com essa conclusão do autor:

"Teólogos há que aplicam a causalidade finalista por justificar a existência de animais nocivos, qual o fazem com as enfermidades e misérias humanas, tudo carregando em conta do pecado original". (p.303)

Não era esse, no entanto, um 'privilegio' exclusivo dos teólogos e religiosos da época, mas também dos filósofos, que viam a Natureza subordinada ao homem em aspectos incríveis:

"Simultaneamente, outra boa criatura, que é o Sr. Le Prieur, possuído das melhores intenções, presumia que as marés eram dadas ao Oceano a fim de facilitar a entrada de navios nos portos" (p.302).

Ao que se atinge a conclusão:

"Eis aí, contudo — dizia J. B. Biot — a que extremos levaram a mania, hoje tão comum, de explicar o como e o porquê de todas as coisas naturais, conforme o imperfeito e vago sentimento utilitário que delas podemos ter. Cada qual, assim, regula a providência da Natureza ao nível de suas luzes, tornando-a mais ou menos louca, na pauta da própria ignorância. Isso nada representaria, uma vez que tais sonhos fôssem inculcados pelo seu justo valor e não pretendessem insinuá-los como verdades, como artigos de fé, a ponto de considerarem os seus autores uma impiedade, quando os tachamos de absurdos" (p.306).

Ou seja, sintoma do orgulho. Encontram explicação para tudo, até para o que não são capazes de compreender. Utilizam o absurdo sem o mínimo pudor. Do outro lado deste extremo, estão os que vêem Deus em tudo, acabando por imputar-No responsabilidades indevidas:

"Desde que o homem se deixa arrastar pelo natural pendor de tudo referir a si, torna-se capaz de reduzir o mundo inteiro, para fazê-lo entrar nos seus planos estreitos e mesquinhos" (p.307).

"Antes de tudo, é preciso distinguir a Natureza em duas partes bem diferentes: o Céu e a Terra. O Céu é o espaço infinito, a multidão incalculável de mundos, o conjunto; a Terra, uma gota d'água no oceano, um grão de areia, um átomo. Que o Céu se tenha criado para o habitante da Terra, é idéia absurda, inconcebível. O Céu não conhece a Terra e o homem, por sua vez, não conhece a mínima partícula do Céu" (p.307).

E, apesar de nossa tendência pela preferência divina, por nos entendermos 'escolhidos' ou por subjugar a Natureza à nossa vontade e subjugação, há de se lembrar nossa terrível insignificância. Se a raça humana sumir hoje, com toda certeza os bilhões de planetas, estrelas, cometas e astros ao redor não notarão.

O homem precisa buscar seu progresso olhando para si mesmo. Melhorar exteriormente nada significa sem melhorar o interior.

"Considerando, porém, o homem como o último ser nascido entre os seres terrícolas, cujo surgimento sucessivo obedeceu à lei geral de progresso, e considerando-o como o mais perfeito da escala, a pressupor-se o centro final — ou pelo menos atual — da evolução terrestre, negamos-lhe, contudo, o direito de atribuir a Deus as suas mesquinhas concepções, e supor que as suas mínimas combinações domésticas participaram do plano

divino e eterno. Nem é fora de si que ele deverá procurar a razão de sua grandeza: é naquilo mesmo que o distingue, isto é, no seu valor intelectual. Se, por sua inteligência, se apropriou de uns tantos serviços que lhe pode prestar a Natureza, não há confundir essa apropriação com o plano geral" (p. 309).

"Ora, isso é justamente o que fazem os materialistas, sem perceberem que se deixam seduzir por uma estranha confusão. Certo, a causalidade final, o conhecimento do plano da Criação, não são simples como imaginam espíritos superficiais. É, assim, de extrema complexidade e apresenta dificuldades quase insuperáveis, mesmo para espíritos mais clarividentes. Nós não assistimos aos desígnios de Deus e não passamos de pobres ignorantes em face de tanta grandeza. Mas, com franqueza, em que pode a nossa incapacidade afetar o princípio das causas? Em que os nossos erros diminuem a idéia da onipotência criadora? Considerais o homem um ser bem importante para armar este dilema: — ou a Natureza gravita para o homem, ou conservasse em repouso" (p. 310).

Alguns atribuem tudo ao Plano do Deus que conhecem, ou então, à Natureza, que existe para o bom progresso da humanidade.

Mas a verdade é que o homem é apenas **PARTE** disso tudo, está abaixo da Natureza, pois existe dentro dela, e como Deus criou o que entendemos como Natureza, Ele está acima de tudo.

Mas naquela época (século XIX), os questionamentos materialistas eram sérios e consistentes. Qual o motivo para vida de um verme que cresce às custas do sofrimento de quem o hospeda?

"Os que só enxergam sabedoria, desígnio, causas finalistas na Natureza — diz Giebel — poderiam empregar sua perspicácia no estudo dos vermes solitários. Toda a atividade vital desses animais consiste em produzir ovos próprios para desenvolver-se, e uma tal atividade só pode ser exercida mediante sofrimento de outros animais. Milhões de ovos perecem inutilizados, o embrião transforma-se num escólex, que não faz outra coisa que sugar e engendrar. É um processo em que não há beleza, nem sabedoria, nem conformidade determinativa, na acepção humana.

Para quê? — perguntam depois — as enfermidades, os males físicos em geral? Qual a razão desse ror de crueldades, de atrocidades, que a Natureza inflige a cada dia, a cada hora, às suas criaturas? O ser que deu ao gato e à aranha a crueldade e dotou o homem, essa obra-prima da Criação, de uma índole que o faz tantas vezes tão bárbara e cruel, poderá, assim procedendo, ser um ente bondoso e benévolo, conforme a idéia teológica?

Mas, em que o fato da aranha devorar moscas e os gatos comerem ratos, tanto quanto o de serem os homens criaturas inferiores, avassalando-se aos

instintos materiais, prova a maldade ou a inexistência de Deus? Como demonstração científica, confessemo-lo, é superficialíssima" (p.313).

Ou seja, e quanto aos males que a Natureza aplica a seus seguidores?

O Espiritismo esclareceu a segunda parte, com a lei das vidas sucessivas e a Ação e Reação, porém a própria ciência, ao desenhar a cadeia alimentar, pode compreender o ciclo virtuoso que existe e envolve até o mais ínfimo e 'desprezível' animal.

Porém, negar a soberania da natureza ou de Deus através destes exemplos, ou da pequena amostragem de animais que nasciam com defeito, é superficial e totalmente ausente de cientificidade. **Paradoxalmente, os cientistas aproveitam os métodos para reforçar suas hipóteses, e abrem mão deles para refutar as objeções.**

Os materialistas ainda argumentam sobre órgãos presentes nos corpos dos animais e que não possuem serventia alguma (como o apêndice ao homem) e que representaria uma 'falha' na Natureza (por conseguinte, divina).

As deformidades nos homens seriam erros? Enfim, os materialistas criticaram todos os detalhes disponíveis na sua época. Mas a verdade é que não dispunham ainda de conhecimento suficiente para entendê-los. É como uma criança diante de uma enciclopédia.

"Aí estão, dir-se-á, objeções meramente ridículas. Entretanto, as mais sérias dificuldades desaparecem por si mesmas, quando o homem deixa de apresentar-se como ponto de referência. E isso é o que se lhe impõe, de vez que é, ele próprio, parte integrante de um plano geral, extensivo a outros mundos, na imensidade da Criação" (p. 319).

Quando Flammarion se dispõe a 'responder' essas observações, ele inicia o raciocínio situando o homem como consequência transitória, ao invés de finalidade da natureza.

"A ilusão dos sentidos e a vaidade aí se juntam para induzir-nos em erro, O fim da Ciência é libertar-nos da mais funesta superstição, dos inimigos da verdade. Deixem-se os teólogos de invocar as causas finais, pois não há como ser juiz e parte ao mesmo tempo. O mundo organizado é toda uma harmonia imensa; os monstros de que falamos, são atestados de unidade da lei e do plano da Natureza, Os seres inúteis e os nocivos ao homem são manifestações da força criadora e das etapas gradativas. O conjunto é o que importa considerar, e não o "habitat" humano. À face desse panorama, esvanecem-se todas as objeções derivadas de uma acanhada aplicação ao homem" (p.320).

O que entendemos como 'deformidades' ou 'defeitos' na Natureza são gradações evolutivas que seguem seu curso. São ainda em número ínfimo, se compararmos à absoluta totalidade dos elementos vitais dispostos na Natureza.

Para fundamentar seu raciocínio, o autor passa, a partir deste ponto, a discorrer, detalhadamente, sobre a fisiologia profunda dos órgãos que transmitem ao cérebro o que

percebem do mundo. Basicamente, o que os sentidos básicos absorvem pelos olhos e ouvidos. Referindo-se os olhos, ele diz:

"Mediante essa estrutura engenhosa quão inimitável da vista, os objetos exteriores passam do campo físico ao mental, tornam-se acessíveis ao espírito e deixam-se tatear, como se deles não nos separasse qualquer distância. É um mecanismo que se molda a todas as contingências. De si mesmo e a nosso nuto, ele se adapta às variações de luz, como as de espaço, e faz o que nenhum outro instrumento é capaz de fazer, isto é, sabe distinguir os corpos celestes a distâncias enormes, tanto quanto os seres microscópicos que se lhe acercam de centímetros" (p.322).

E enquanto lemos detalhadamente a complexidade envolvida no mecanismo visual (olhos), as certezas materialistas e a vaidade vão sumindo, dando lugar à admiração de verificar como apenas um órgão funcional do corpo humano é superior a toda inteligência da humanidade. Vejam o argumento ateuista:

"Nada obstante, os ateus ousam sustentar que os olhos, bem como o mundo inteiro, não passam de obra de mero acaso. Nada encontram eles, em tudo isso, digno de sua atenção. Não reconhecem na estrutura do globo visual indício qualquer de sabedoria, antes acreditam haver motivo para lastimar-lhe a imperfeição, de vez que não domina a obscuridade, não atravessa uma parede, não distingue as particularidades de um objeto mais distanciado, quais a Lua e outros corpos celestes. Gritam eles, alto e bom som, que o olho nada é que indique um desígnio e foi feito ao acaso, como qualquer fruto silvestre, pelo que fora absurdo dizer que tivemos olhos para podermos ver. O que se conclui é que, ao invés, tendo recebido ocasionalmente os órgãos, deles nos aproveitamos tanto quanto o permite a Natureza. É inútil discutir com essa gente: inabalável nas suas convicções, ela despreza as coisas mais respeitáveis. Suas presunções a respeito dos olhos, vê-se, são absurdas quanto injustas" (p. 323).

É totalmente antirracional, por mais paradoxal que seja essa definição, uma vez que os ateus deveriam primar para excelência de um raciocínio capaz de enfrentar todo argumento contrário. Fica, então, evidenciado que não querem um debate, mas sim a imposição de seu ponto de vista falho e orgulhoso.

"Ante a descrição anatômica do globo visual, que desejaríamos poder ilustrar direta ou graficamente, a nós mesmos nos perguntamos como Newton, "se o olho poderia ser feito sem conhecimento da Ótica", para responder com o ilustre pensador que essa estrutura demonstra, sem contestação possível, não só a existência de uma inteligência conhecedora da Ótica, como capaz de lhe submeter às leis todos os movimentos da matéria" (p.324).

O questionamento filosófico de Newton é importante pois funciona como um dilema da espécie ovo x galinha.

O Olho é incrível dentro de sua complexidade em funções e constituição, e se a Natureza o criou por si própria (dizem os materialistas) foi através de um nervo que, obedecendo a lei de seleção natural, se tornou o olho. Agora, como um nervo tornou-se 'sensível à luz', é outra história.

Mas e quando observamos os olhos de seres que estão há muito tempo no planeta? Crustáceos, insetos, etc, possuem olhos mais simples (ou até mais complexos, porém em menor escala). Por que os olhos deles não evoluíram tanto quanto os do homem? Temos 2 opções simples:

- A Natureza decidiu por favorecer o homem;
- A seleção natural escolheu favorecer o homem;

Já o próprio Darwin deixou algo mais metafísico para solucionar esse dilema:

"Nos seres vivos, a variabilidade produzirá as ligeiras modificações do instrumento natural, a descendência multiplicá-la-á ao infinito, assim modificada, e a seleção natural escolherá, com infalível habilidade, cada novo aperfeiçoamento realizado. Que este processo continue operante por milhões e milhões de anos e, em cada ano, influindo sobre milhões de indivíduos de todas as espécies, já não será impossível acreditar possa constituir-se assim um aparelho de ótica viva, com requisitos superiores aos de nossa manufatura, ou seja, com a superioridade característica das obras divinas em relação às humanas" (p.328).

"Digamo-lo com firmeza: mesmo admitindo, sem reservas, todos os fatos invocados pelos materialistas; mesmo perfilando-nos ao lado de Darwin, Owen, Lamarck, Saint-Hilaire e, sobretudo, com estes (porque há sempre gente mais realista do que o rei), para supor que os olhos, os sentidos, os homens, os animais, seres e plantas vivos, em suma, se tenham formado pela ação permanente de uma força natural, nem por isso se provaria a inexistência de Deus, e, sim, ao invés, que Deus existe. Somente, o que se dá é que, em vez de se nos revelar como pedreiro, ele se nos antolha como arquiteto. E com isso, cremos, nada perde, nem muito, nem pouco" (p.330).

A inteligência de Deus, ou seja, da Potência Criadora, é visível e perceptível a qualquer estudo sério. Nossa inteligência reconhece 'defeitos' e 'problemas' na criação pois somos simplesmente incapazes e limitados para entender.

A lei de seleção natural é a forma científica de se chamar Deus, mas ainda incompleta em muitos aspectos.

"A todas estas perguntas, respondem-nos com a lei de seleção natural. Explicam todos os problemas repetindo que a Natureza é arrastada a um progresso incessante, que despreza o mau pelo bom e tende sempre a realizar formas mais perfeitas" (p.331).

Quando aplicamos a lógica de causa e efeito (todo efeito inteligente é provocado por uma causa inteligente) na Natureza, se chegará ao acaso ou a Deus. O acaso (mero acidente) não se aplica à vida, nem se aplica a nada de importante, provando-se inútil e fruto primeiro da ignorância. Resta Deus ou a cegueira da negação absoluta (niilismo) conformado.

O autor então faz uma descrição do aparelho auditivo (similar ao estudo dos olhos) e tudo o que o envolve. Conclui então:

"Mesmo nos limites desta singela descrição, que espírito culto ousará contestar, a Sério, que um tal mecanismo não prova que seu construtor soubesse que o som consiste em vibrações, e que estas não poderiam transmitir-se senão mediante uns tantos dispositivos; bem como, que, para torná-lo integralmente perceptível ao cérebro, impunha-se um aparelho acústico fronteiro ao nervo?"

Que homem sensato recusará admitir que esse instrumento não podia construir-se de si mesmo, por acaso, sob o impulso de qualquer força bruta e sem plano preconcebido de construção" (p.333).

*"Mas, ainda quando estivessem com a verdade, acerca das relações de órgão e função, ainda mesmo que provado ficasse serem os órgãos desenvolvidos e constituídos pelo jogo das funções; ainda assim, restaria por explicar um fato bem mais geral e considerável. **Que função explicaria a organização total da vida terrestre?"** (p.334).*

Novamente, com essa pergunta Flammarion busca a resposta materialista e não a encontra. A vida é resultado de um planejamento supremo do Arquiteto Divino, somado à função vital, com forças que animam a matéria.

"A adaptação do órgão às funções que devem preencher o estado orgânico do ser, segundo a sua função na economia geral, constituem exemplos tão evidentes do plano da Natureza, que é preciso limitar-se a uma observação muito completa para desautorizar a nossa tese. Por qualquer aspecto que encaremos os seres vivos, esse plano se evidencia em caracteres bem legíveis. Sem a idéia de finalidade geral, o fisiologista não poderia determinar o jogo de qualquer órgão e a Ciência se esterilizaria" (P.336).

A observação honesta prova que a Natureza é dotada de equilíbrio e planejamento. Se não houvesse propósito ou razão na Natureza, a ciência seria desnecessária, já que redundaria no marco zero da morte. A vida seria automática e todo o raciocínio anterior, montado sob a perspectiva de ausência de livre-arbítrio passa a valer.

Deste ponto em diante, o autor discorre criticamente acerca da teoria da evolução (pura) recorrendo à conceitos da época, alguns ainda válidos (século XXI) e outros bastante obsoletos.

"A inteligência criadora e ordenadora, que denominamos Deus, permanece, portanto, como lei primordial e eterna, força intrínseca, universal,

constituindo a unidade viva do mundo. Toda dificuldade desaparece, substituindo-se a idéia de plano geral à de causalidade humana Órgãos e funções, espécies e indivíduos, é tudo conduzido na mesma direção.

O Universo é o desdobro de um só pensamento e a unidade de tipo é sensível sob todas as formas particulares da vida terrestre Em que direção nos conduz o pensamento eterno?

É o que tentaremos entrever, ao terminar este estudo sobre a finalidade dos Seres e das coisas" (P. 344/345).

É a conclusão de tudo o que tem sido estudado até aqui: O empirismo verdadeiro não admite dúvida de que existe um Deus.

#####

II – PLANO DA NATUREZA – INSTINTO E INTELIGÊNCIA

"A construção lenta e progressiva dos seres e a formação das espécies duradouras estabelecem a presença permanente da causa criadora e proclamam, eloqüentemente, a sua sabedoria e inteligência" (p. 346)

Analisando a inteligência e o instinto nos animais, o autor cita exemplos para alinhar que os animais possuem ambos. A inteligência funciona de forma análoga (não igual) à dos homens, e o instinto, como algo intermitente, inconsciente, que provém do íntimo.

"Buffon escreveu belas páginas sobre a inteligência do cão, mas não lhe interpretou o alto valor. Há, nos fastos da espécie canina, exemplos de inteligência, habilidade raciocínio, julgamento, e também de afeição, devotamento bondade e reconhecimento, dignos de serem apontados como modelo a uma grande parte do gênero humano" (p. 349).

Não só do cão, como também de animais silvestres.

Após citar a opinião de um cientista (Agassiz) sobre a similaridade entre as paixões dos animais e humanas, mas também a diferença de personalidades e individualidades, podemos entender que nenhum animal é igual a outro.

"E aí temos argumento dos mais fortes a favor da existência de um princípio imaterial em todos os animais análogo ao que, por excelência e faculdades superiores coloca o homem em plano eminente. A mor parte dos argumentos filosóficos em prol da imortalidade do homem, aplica-se

igualmente, à indestrutibilidade desse principio nos outros Seres Vivos" (p. 351)

"Chama-se instinto ao conjunto das diretivas que impelem O animal, obedecendo a uma necessidade constante. O instinto é inato, atua à revelia da Instrução, inexperiente e invariavelmente e não realiza progresso algum" (p. 351).

Logo, instinto e inteligência são opostos e inversamente proporcionais. Mas, no mundo animal, a mensuração de instinto x inteligência é muito relativa.

"O essencial, portanto, fora provar essa independência e foi isso o que fêz F. Cuvier. Tomou castores muito novos, educados longe de seus pares e, por conseguinte, nada havendo com eles ou deles aprendido. Esses castores, assim isolados, solitários, postos numa jaula expressamente destinada à experiência e de forma a dispensá-los do seu trabalho peculiar construtivo, não se forraram de o realizar, impelidos por uma força maquinal cega, ou seja um puro instinto" (p.352).

As construções dos castores são puramente instintivas, mas são práticas que provém sem aprendizado. Inteligência, portanto, é aqui encarada como algo condicional e mutável.

"Na inteligência é tudo o resultado da experiência e da instrução: o cão obedece quando ensinado. E aí tudo é livre, o cão obedece porque quer. Finalmente, tudo no instinto é particular; essa indústria admirável que o castor utiliza no construir a cabana não pode ele utilizá-la senão com esse fim; ao passo que, na inteligência, tudo se generaliza, de vez que essa mesma maleabilidade de atenção e de concepção do cavalo e do cachorro pode aproveitar-lhes para fazer coisas diversas" (p.353).

Essa distinção é importante para Flammarion, pois os cientistas atribuem à instintos alguns fatos que demonstram inteligência. Darwin fala em 'Hábitos hereditários' como formadores do instinto, mas é uma fronteira que não atinge o materialismo puro, nem satisfaz a própria inteligência.

A hereditariedade é limitada como fonte em si:

"Os necróforos (nome lúgubre), morrem imediatamente após a postura e as gerações jamais se conhecem. Nenhum ser desta espécie viu mãe nem verá filhos, e, contudo, as mães têm grande cuidado em dispor cadáveres ao lado dos ovos, para que aos filhos não falte alimento logo ao nascer. Em que parte aprenderam esses necróforos que os seus ovos contêm germe de insetos que em tudo se lhes semelham?" (p. 354).

Há inteligência num formigueiro. Então, olhando alguns exemplos da Natureza, questionamos, de onde vêm essas aspirações? Conhecimento? Até o menor inseto sabe o rumo que deve tomar. Sendo ele plenamente dotado de instintos, ele só pode ser dirigido então, por uma força maior.

"Em todas as províncias da vida — acrescentamos nós — a mão do Criador inteligente e providente se revela aos olhos que sabem verdadeiramente ver. E sempre que a dúvida nos perturbe, nada melhor se nos impõe que o estudo acurado da Natureza, porquanto, todos os que tiverem consigo o sentimento do belo e verdadeiro, ante o espetáculo maravilhoso da Criação, logo terão dissipadas as nuvens cai floração de luz" (p. 357).

Os materialistas chamam a tudo de instinto, e por não perceberem a inteligência e não aceitarem qualquer outra variável, subtraem o valor da palavra em si. Ao mesmo tempo, o menor valor da palavra, em termos de especificidade e definição, significa atribuir a ela tudo o que os animais fazem. Tudo é instinto, e não se pensa sobre seu significado.

"Ela tem apenas um ano e ainda não chocou: quem lhe ensinou a fazer esse ninho, precisamente assim e não de outro modo? Quem lhe teria falado de temperatura necessária à incubação e eclosão do ovo fecundado? Quem lhe diria que chocando, aquecendo por 15 dias aqueles ovos, facultaria a sua geração? Posição de constrangimento, apesar do alívio que experimenta, tornar-se-ia insuportável à sua vivacidade, se um determinismo instintivo não a amparasse" (p. 358-359).

Então os materialistas atribuem esse instinto todo à 'hereditariedade', ou seja, o instinto em si não existe, e é tudo, já que não passa de uma herança. Mais um daqueles argumentos que desabonam os cientistas pela falta de observação prática. Passam tanto tempo formulando teorias, que as simples observações empíricas podem derrubar rapidamente. Os cientistas carecem de cientificidade.

"Pois bem: — que os adversários, em tudo isto se esfalfem por formular as mais vastas e intermináveis teorias, que acumulem hipóteses sobre hipóteses, que recusem chamar instinto aos atos do nascituro, como da ave que o engendrou; que embrulhem o assunto com explicações tortuosas, confusas, e nem por isso deixamos de aí ter um fato natural, eloquente na sua simplicidade e que eles, os adversários, não poderão derrocar. Aquele que criou o rouxinol e quis nos alegrasse ele com o seu canto vespertino, criou o mundo e houve por bem dar-lhe as leis da própria conservação. Não há idéia mais simples e majestosa, nem que mais satisfaça a nossa necessidade de conhecimento. Negar as leis conservadoras da vida é negar toda a Natureza. A nós nos parece, que, para ir a tais extremos, é preciso ser estólido ou vítima de aberração espiritual. A verdadeira Ciência está muito longe de tais negações! Seria, na verdade, uma desgraça se o fruto da sabedoria redundasse em aniquilamento das leis que regem o Universo e constituem a sua unidade viva" (p. 360).

O autor explora novamente os erros já discutidos dos cientistas, relacionados ao orgulho e a vaidade, que funcionam como uma venda, que os impede de visualizar o caminho correto.

"A verdade, porém, despreza-lhes as tendências e fica inalteravelmente idêntica, sem se preocupar com os prismas através dos quais a encaram olhos interessados em vê-la abaixo da sua posição real.

Esquisitice inexplicável em homens judiciosos, pretenderem que, admitindo a existência de Deus, sejamos obrigados a admitir o arbítrio na Natureza, como se a vontade suprema não fôsse necessária e infinitamente sábia, e, por consequência, universalmente regular" (p. 365).

A nota de rodapé sobre esse tema traz à tona uma informação preciosa. Mesmo a filosofia religiosa já começava a visualizar um problema entre o extremo da fé e a ciência. Havia uma forma racional de trazer o raciocínio indutivo. Por mais que se imagine ser comum uma publicação dessas, no século XIX era preciso uma dose razoável de coragem para explicitar uma posição contra o ateísmo sem assumir uma posição estritamente ligada ao credo extremo de qualquer religião.

"(116) J. M. de la Codre — Les Dessems de Dieu. Este ensaio de filosofia religiosa e prática caracteriza uma das felizes tendências contemporâneas, contra a Invasão do ateísmo. Os argumentos, aí desenvolvidos, resumem-se no seguinte: Não existe o impossível; no Universo há ordem e a ordem só pode emanar de uma inteligência. O Universo é, portanto, obra de uma inteligência. Essa ordem resulta da execução de uma lei, ou do concerto de várias leis, e as leis são sempre, e necessariamente, obra de uma vontade inteligente" (p.366).

É uma derivação similar à utilizada por Kardec. Importante notar que a Natureza oferece inúmeras provas de seu princípio inteligente através das características das espécies de animais que a habitam.

"Temos assim, por evidente, que o Universo é governado por uma inteligência. Estas correlações e estas harmonias estão em correspondência com as propriedades intrínsecas da matéria e a elas se ligam de tal sorte que deixariam de existir, se essas propriedades substanciais fôsem outras. Daí concluímos que a matéria com as suas propriedades intrínsecas é também obra da Inteligência, que lhe estabeleceu as leis. O bom senso decreta, imperiosamente, e no que pesem às alegações contrárias, que não podemos atribuir a uma circunstância molecular, fortuita, a atração, a eletricidade, o calor, a composição do ar, fatos cósmicos perfeitamente apropriados à vegetação das plantas, à vida animal, pela mesma razão que ninguém admitiria pudessem milhares de tipos de impressão, espalhados ao acaso, produzir a Ilíada ou a Jerusalém Libertada. Se, para fugir a conclusões lógicas, nos dissessem que essas qualidades são efeitos inerentes, nem por isso elidiriam a necessidade lógica de uma intervenção suprema e inteligente.

Juntemos a esta imagem um aforismo pouco discutível: todo fim supõe uma intenção, toda intenção, uma consciência, e toda consciência uma personalidade" (367-368).

O aforismo de Flammarion personifica a discussão para elementos mais tangíveis, facilitando o entendimento. A **Lei de Ação e Reação** é uma **constante** na Natureza.

O autor passa então a discorrer sobre as 'causas finais', a partir de uma análise crítica, abordando o tempo e o espaço.

"O primeiro efeito desse rigoroso estudo crítico é, precisamente, afastá-lo de toda a crença e resguardá-lo dessas mesquinhas interpretações humanas, que levam a criatura a referir tudo a si mesma, como eixo central da Criação. Assim procedendo, poderemos, então, rir das ilusões, vaidades e tentativas insensatas do orgulho humano. Esse, o primeiro resultado do estudo geral dos seres.

Mas, quando prosseguimos investigando, até perceber as forças íntimas que sustentam cada ser criado, até descobrirmos as leis universais que regem simultaneamente o edifício total e cada uma das partes desse imenso edifício, então, distinguiremos as linhas de um plano geral, perceberemos, aqui e ali, os elos de solidariedade que entrosam num só desígnio os corpos mais distantes, reconheceremos a unidade do pensamento que presidiu — ou melhor — que preside eternamente o condicionado universal e governa, na rota do infinito, o carro imensurável da Criação. Enfim, acostumando-nos a essas contemplações essenciais, também chegaremos a concluir que esta noção da divindade ainda é muito humana para que seja verdadeira, e que essa força que sustenta o mundo, essa potência que lhe dá vida, essa sabedoria que o dirige, essa vontade que o impele eternamente para uma perfeição inacessível, essa unidade de pensamento que se revela sob as formas transitórias da matéria não são uma força, um poder, uma sabedoria, uma vontade humana, mas atributos inerentes a um ser inominável, incompreensível, incognoscível, de cuja natureza nada podemos razeoar, e cujo conhecimento é para nós cientificamente inabordável" (p.369).

Ou seja, o ser humano ainda tende à antropomorfizar Deus, e o que é divino, não se pode humanizar. Simples assim.

A grandeza de Deus é absurda demais para o nosso potencial, de forma que, positivamente é impossível enquadrar. Mas isso é temporário, é devido não só à incapacidade científica em que vivemos, mas também à presunção orgulhosa do ser humano que se coloca como o foco de tudo. De forma que, nesta perspectiva, não é possível assimilar algo maior e melhor do que o ser humano; então a ciência torna-se **armadilha do conhecimento**, ao invés de poderosa ferramenta.

"Em Filosofia, como em Mecânica, o equilíbrio não passa, jamais, de um equilíbrio instável" (p.370).

Então, ao invés de observar pontos soltos, únicos, e exemplos minuciosos da exceção, devemos nos atentar ao 'plano geral' que nos é ofertado na Natureza:

*"Assim, vamos terminar, lembrando nossa proposição, que é substituir a idéia de causalidade particular pela idéia de **plano geral**.*

Não tomamos posição pró nem contra a teoria da transformação das espécies; apenas concluímos que, sem o princípio da destinação dos seres e dos astros, é impossível algo explicar, desde a anatomia à mecânica celeste: nenhuma causa exterior, nenhuma influência mesológica se isenta dessa grande lei. A teoria da seleção natural substitui, simplesmente, a intervenção miraculosa da causa criadora para. cada espécie, por uma lei inteligente, universal.

Ela deixa na Natureza o pensamento organizador do mundo sensível ao começo, ao meio como ao fim das coisas.

Esta concepção do desenvolvimento do mundo, mais positiva e científica, não se baseia no casual nem no arbitrário. Apresenta o Universo como unidade viva, cuja existência se desenvolve e se eleva eternamente a um ideal inacessível, de conformidade com a idéia primordial. Origem e fim coexistem, simultaneamente, no atual. Do inorgânico ao orgânico, do orgânico ao vivente e do ser vivente ao inteligente, há um. ciclo, uma circulação material e uma ascensão intelectual, obedientes a uma razão dominadora" (p.371).

E o autor termina confessa que o destino absoluto ainda é um problema sem solução. O capítulo termina com os questionamentos a respeito de tudo, os porquês sobre o formato e condições da Natureza, dos insetos, das formas, etc. Esse raciocínio sempre se aprofundará mais e mais.

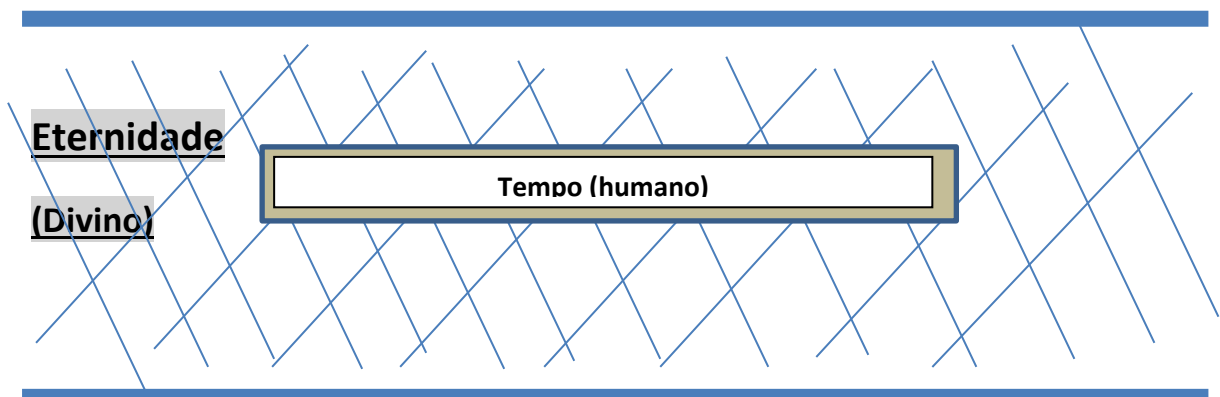
"Pois quê! Sempre que tentava uma resposta, questão mais grave se me impunha, conseqüente. Acompanhando esse movimento impassível da Natureza, minha alma por vezes se emancipou do tempo para interrogar-se onde estaria daqui a cem anos e, prosseguindo avante, imaginou, aterrada, o que poderia aguardá-la num milênio. Perpetuando o seu tesouro, viu que poderia viver ainda cem mil anos e perguntou o que seria nessa época.

Sonhando mais longe o abismo, lá se foi ela, infatigável, por beirar um milhão de anos, de séculos! E além dessas lindes, desses pontos já inacessíveis ao pensamento, ei-la a imaginar nova linha de igual extensão; depois, uma segunda, terceira, quarta, décima, centésima, milésima... Já na eternidade, então, percebeu que o tempo não existe e que a eternidade é imóvel... Devo dizer que, por vezes, este último pensamento se tornava tão aterrador, diante do inexorável destino, que me aniquilava a noção de

personalidade, como se esse quadro insustentável nos convidasse a esperar o repouso na morte, ou como se essa contemplação, muito vasta para o cérebro humano, o houvesse espedaçado e suprimido do número dos cérebros inteligentes. Talvez não me assista o direito de assim vos entreter com as minhas impressões pessoais. No fundo, porém, não se trata aqui de um caso pessoal, mas de um estudo análogo ao do anatomista que sonda profundamente uma chaga desconhecida. Se o astrônomo se baseia em observações pessoais para fixar o seu sistema; se o químico fala pelo testemunho das suas retortas e análises particulares; se o físico examina a Natureza com seus próprios olhos, natural se torna que o pensador, a exemplo deles, conte o resultado de suas elucubrações e confie, eventualmente, aos que o ouvem, as inquietações e labores do seu espírito. No mínimo, há nisto um ato de sinceridade e o penhor de uma opinião, independente de qualquer sectarismo.

Sim! O vasto problema da destinação dos seres e coisas envolve-nos na sua profundidade, sem que o possamos julgar nem resolver. Ele nos arrasta, quais infusórios microscópicos, perdidos no bojo dos oceanos, a procurarem compreender e explicar o fluxo e refluxo das águas" (p.374-375).

A ilusão do tempo só é quebrada com a idéia de eternidade. Quando o tempo mostra-se ilusório, a eternidade sim se torna um plano geral e contínuo, um plano de fundo, onde a ilusão do tempo efetivamente ocorre. Afinal de contas, o que é nosso tempo e sua medida se não uma convenção? A eternidade sim é divina. O tempo é apenas humano, nossa ferramenta de mensuração coletiva.



#####

TOMO V

DEUS

I – DEUS

Todo positivismo digno e toda ciência séria, chegaram à conclusão de uma divindade, ou inteligência criadora.

"A correlação das forças físicas nos mostrou a unidade de Deus, sob todas as formas transitórias do movimento. Pela síntese, o espírito se eleva à noção de uma lei única — lei e força universais, que valem por expressão ativa do pensamento divino. Luz, calor, eletricidade, magnetismo, atração, afinidade, vida vegetal, instinto, inteligência, tudo deriva de Deus. O sentimento do belo, a estesia das ciências, a harmonia matemática, a geometria, iluminam essas forças múltiplas e lhes dão o perfume do ideal. Seja qual for o prisma pelo qual o pensador observe a Natureza, encontra uma trilha conducente a Deus — força viva, cujas palpitações, através de todas as formas, ele as sentirá no estremecer da sensitiva, como no canto matinal dos passarinhos" (p. 378).

"Deus não é, pois, como dizia Lutero, "um quadro vazio, sem outra inscrição além da que lhe apomos". Deus é, ao contrário, a força inteligente, universal e invisível, que constrói sem cessar a obra da Natureza. É sentindo-lhe a presença eterna que compreendemos as palavras de Leibnitz: "há metafísica, geometria e moral por toda a parte — bem como o velho aforismo de Platão, que poderemos assim traduzir: Deus é o geômetra que opera eternamente" (p.378-379)

Uma conclusão sincera obedece à consciência, e não permitiria negar a Deus, sem um autoengano. A consciência é mais ou menos sensível, mas ela vislumbrará em toda sua complexidade a verdade divina.

A admissão de uma idéia de Deus não simplifica tudo como alguns imaginavam, mas sim torna tudo mais profundo e complexo.

"a Natureza não se oferece exclusivamente qual laboratório de química, ou gabinete de física... Antes, pelo contrário, pressentimos em tudo uma lei de harmonia soberana, que governa a marcha simultânea de todas as coisas, que cerca os mais íntimos seres de uma vigilância instintiva, que guarda ciosamente o tesouro da vida em plenitude de pujança e que, por seu perpétuo rejuvenescimento, desdobra em potência imutável a fecundidade criada. Em toda esta Natureza há uma espécie de beleza universal, que a nossa alma respira e identifica, como se essa beleza ideal pertencesse unicamente, ao domicílio da inteligência" (p. 380).

"A beleza íntima das coisas é tão verdadeira e positiva como a sua composição química. A harmonia do mundo não é menos digna de apreço do que o seu movimento mecânico. A direção inteligente do Universo deve ser constatada ao mesmo título das fórmulas matemáticas. Obstinar-se em só considerar a criatura com os olhos do corpo e jamais com os do Espírito, é parar voluntariamente à superfície" (p.381).

A percepção trazida pelos sentidos físicos é limitadora do ser humano, especialmente quando comprovamos o quanto são limitados na observação da própria realidade atômica. Estamos no século XXI e ainda engatinhamos no conhecimento de todos os elementos existentes.

Flammarion traça ainda um histórico da conceituação de Deus por diversos povos, geografias e contextos. Depois, traça paralelos filosóficos sobre a posição divina. Há uma tendência humana de ora abstrair Deus aos limites da possibilidade, ora de antropomorfizá-Lo. Vale também notar que imputamos muito para Deus, nos livrando de várias responsabilidades cabíveis. Cientistas que perdem a fé, o fizeram por ter direcionado erroneamente sua crença ou entendimento.

"Hoje ainda, como no tempo de Xenófanes, importa combater essas tendências do homem para tudo referir a si, e para transportar as suas idéias imperfeitas ao domínio do Criador. A ciência iconoclasta derruba as nossas imagens pueris. A Ciência, é verdade, não se ocupa diretamente com as nossas crenças; ninguém duvida tenha ela outros motivos de estudo menos incompreensíveis e mais positivos. Mas, por suas conquistas no plano físico e por seu espírito de análise, ela modifica, necessariamente, a nossa forma de ver e não mais podemos conciliar o caráter do espírito científico com essas encarnações de idéias pueris e indignas do absoluto. Nisso consiste, precisamente, a sua tendência geral. E aqui, como se dá em relação às causas finais, temos a tristeza de observar que um certo número de cientistas, reconhecendo os erros humanos, dos quais acabámos de assinalar alguns tipos, abandonaram ao mesmo tempo os erros e a crença. Como se a ilusão e a incapacidade da nossa penúria implicassem a queda da causa primária, que elas mesmas desfiguraram!" (p.390).

Como já estudado no início da obra, os erros são mútuos, tanto nos religiosos quanto nos ateus ou niilistas. A natureza do erro é a mesma.

"Todavia, a investigação imparcial da verdade exclui de seus domínios os exageros do fanatismo, tanto quanto os do cepticismo. Ela prossegue na sua tarefa laboriosa e fecunda, e expõe sincera-mente o ensinamento recolhido das suas descobertas sucessivas.

Dos progressos gerais da Ciência resulta, dizíamos, que a idéia comum, acerca de Deus, está atrasada e tornou-se até mesquinha e inaceitável, à face desses enormes progressos.

A medida que se amplia o conhecimento da Natureza, faz-se necessário desenvolver a concepção do seu Autor. São noções paralelas, que participam, necessariamente, dos mesmos movimentos. Assim como nada existe de absoluto em os nossos conhecimentos da criação, assim, também, nada absoluto podemos idealizar sobre o Criador. E a Ciência, longe de destruir a velha idéia da existência de Deus, desenvolve-a e torna-a gradualmente menos indigna da majestade que lhe é apanágio" (p.392).

A Ciência, *a priori*, descaracterizou o Criador, colocando-o como um fantasma humano, uma forma inverídica de ver as coisas e a Natureza. No entanto, as próprias descobertas científicas reforçam a necessidade de se admitir um Criador. O tempo corrige a ambição humana, mostrando sua pequenez passageira.

"Passando dos domínios dos seres criados para os do Espírito puro, a noção de Deus sofre uma metamorfose correlata à noção das forças da Natureza. Estas forças não são mais elos materiais, nem mesmo fluidicos. Deus aparece-nos sob a idéia de um Espírito permanente e residente no âmago das coisas. Deixa de ser o soberano a governar das alturas celestes, para ser a lei invisível dos fenômenos. Não habita um Paraíso povoado de anjos e de eleitos e sim a amplidão infinita, repleta da sua presença, ubiqüidade imóvel, totalizada em cada ponto do Espaço, em cada instante do tempo, ou, por melhor dizer — eternamente infinita e sobranceira a tempo, espaço e ordem de sucessão, qualquer Passado e futuro existem para nós, seres sujeitos a. tempo e medida, não para o Eterno. O espaço oferece-nos dimensões variadas e o Infinito, não. Não são afirmações metafísicas de cuja solidez podemos suspeitar, mas, antes, deduções inevitáveis e resultantes dos próprios dados da Ciência sobre a relatividade dos movimentos e a universalidade das leis" (p. 393-394).

Infinito e Eterno são palavras e conceitos que subtraem toda a humanidade e materialidade que possam existir.

A partir deste raciocínio é que se desenvolve a conceituação de Deus feita por Flammarion:

"A ordem universal reinante na Natureza, a inteligência revelada na construção dos seres, a sabedoria espalhada em todo o conjunto, qual uma aurora luminosa e, sobretudo, a universalidade do plano geral regida pela harmoniosa lei da perfectibilidade constante, apresenta-nos, já agora, a onipotência divina como sustentáculo invisível da Natureza, lei organizadora, força essencial, da qual derivam todas as forças físicas, como outras tantas manifestações particulares suas.

Podemos, assim, encarar Deus como um pensamento imanente, residente inatacável na essência mesma das coisas, sustentando e organizando, ele mesmo, as mais humildes criaturas, tanto quanto os mais vastos sistemas solares, de vez que as leis da Natureza não mais seriam concebíveis fora desse pensamento, antes são dele eterna expressão" (p.394).

Deus, portanto, não reside ‘fora do mundo’, no exterior de tudo como a concepção clássica, outrora estudada sugere (especialmente o catolicismo), mas reside permeando a Natureza e suas leis/ações de forma incoercível.

O autor passa, então, a permear as diversas formas de crenças e negações filosóficas de Deus, de forma a indagar de forma dura:

"Mas, com franqueza: — em que vos parece funesta, à inteligência humana, a crença em Deus? Onde e como verificastes que o conhecimento da verdade pode enfermar o cérebro? Despojando a Humanidade do seu tesouro mais precioso, banindo do Universo a vida, rechaçando da Natureza o Espírito, não admitindo mais que a matéria cega e forças zanagas, privais a família humana de ter paternidade e o mundo de ter um princípio e uma finalidade. Gênio e virtude, reflexos de um esplendor maior, eclipsam-se convosco, e o mundo moral, tanto quanto o físico, não serão mais que um caos imenso, digno da noite primitiva de Epicuro⁶" (p. 406).

Ao final da obra, Flammarion deseja retomar os principais pontos e aspectos da argumentação que realizou até agora. Novamente colocando lado a lado os extremos da negação e da superstição religiosa:

"Esses dois erros, por nós combatidos paralelamente, são: de um lado o ateísmo, que nega a existência do Espírito; e do outro, a superstição religiosa, que concebeu um “Deusinho” semelhante a ela e fêz do Universo uma lanterna mágica, para uso e gozo da Humanidade" (p. 407).

A partir desta dicotomia iniciou-se a análise Força x Matéria que culminou nos domínios da Vida em si mesma, além dos processos biológicos que a sustentam.

Então concluiu-se que necessitamos de um Criador para coordenar a evolução, visto que a Natureza possui leis imutáveis em circunstâncias mutáveis.

"Temos íntima convicção de que a idéia de Deus se apresentou a seus olhos maior e mais pura que toda e qualquer imagem simbólica e dogmática, e que a criação universal, misteriosa filha do mesmo pensamento, lhe surgiu mais ampla e mais bela.

O Universo desdobra-se na sua realidade, como a manifestação de uma idéia una, de um plano único e de uma só vontade. Possa este quadro da vida eterna da natureza de Deus afastar o leitor dos erros grosseiros que o materialismo espalha por toda parte, robustecendo-lhe o intelecto no culto puro da Verdade. Possam os nossos espíritos se compenetrarem, cada vez mais, do Belo manifestado na Natureza e santificarem-se no Bem, com o apreciarem mais completamente a unidade da obra divina, fazendo uma idéia mais justa do nosso destino espiritual, e conhecendo a nossa categoria

⁶ Epicuro de Samos – Um filósofo atomista, grego. Acreditava que com a morte do corpo tudo se findava, e nada se haveria de sentir devido ao reagrupamento dos átomos em outros locais e corpos. Os sentidos não mais existiriam e a existência se anularia.

na Terra em relação ao conjunto dos mundos, e sabendo, finalmente, que a nossa grandeza está em nos elevarmos constantemente na posse e pela posse dos bens imperecíveis, que são apanágio da inteligência" (p.412-413).

Há então o encerramento da obra, com uma última parte do livro de profundo diálogo entre Flammarion e sua natureza que dita as emoções. Trata-se de uma reflexão poética profunda, onde, de joelhos, entende o quão grandiosa é a Natureza (consequentemente seu Criador) e quão pequenino somos nós.

===== **F I M** =====